

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**  
**Departamento de Psicologia**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER:  
ESTUDO NORMATIVO COM ADOLESCENTES DE  
12 A 14 ANOS**

**Joana Brasileiro Barroso**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP  
2013



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**  
**Departamento de Psicologia**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER:  
ESTUDO NORMATIVO COM ADOLESCENTES DE  
12 A 14 ANOS**

**Joana Brasileiro Barroso**

**Orientadora:** Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Ribeirão Preto – SP

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Barroso, Joana Brasileiro

O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister: Estudo normativo com Adolescentes de 12 a 14 anos. Ribeirão Preto, 2013.

111p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Pasian, Sonia Regina.

1. Adolescentes. 2. Avaliação Psicológica. 3. Teste de Pfister.  
4. Método Projetivo. 5. Normas.

Apoio: Capes e Fapesp

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Nome: Barroso, Joana Brasileiro**

**Título:** O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister: Estudo Normativo com Adolescentes de 12 a 14 anos.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Para obtenção de título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_



## DEDICATÓRIA

À minha avó, Grasiela Teixeira Barroso, pelo  
exemplo de mulher e profissional e  
por seus diálogos constantes.

Aos meus pais, Vicente e Beth, pelo apoio  
incondicional e ensinamentos ao longo da vida.





## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois Ele deu o suporte e a luz necessária, não só para a realização deste mestrado, mas para toda minha vida. Por permitir que mais esta etapa fosse concluída da melhor maneira, dando-me sabedoria na tomada de decisões e determinação para seguir em frente. Por este motivo, Ele é o merecedor de todos os elogios.

À minha família, pelo amor e tranquilidade que me proporcionou ao longo do Mestrado, investindo e me apoiando em todo o processo. Mãe, Elizabeth Clara Barroso, por seu incentivo e dedicação. Pai, Vicente Teixeira Barroso, por sua constante presença, dando segurança e certeza de que nunca estou sozinha. Minhas irmãs, Maria Clara e Madalena Barroso, pelo carinho, apoio e encorajamento. Ao Emanuel Capistrano Costa Junior, pela paciência durante as fases mais decisivas da minha vida, por seu amor e companheirismo.

Especialmente, à minha avó Grasiela Teixeira Barroso, que foi a maior estimuladora ao longo de toda minha vida, tanto na escolha da minha formação, como no envolvimento com educação e ensino.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sonia Regina Pasian, por ter confiado em mim, por seus estímulos, pelo constante apoio, pela orientação também no estágio do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) e tantas oportunidades proporcionadas. À Dr<sup>ª</sup> Erica Tiemi Kato Okino, pela disponibilidade e orientação, sempre que solicitada.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anna Elisa de Villemor-Amaral e ao Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel, pelas sugestões apresentadas no Exame de Qualificação, que tanto contribuíram para esta versão final.

Às minhas amigas e colegas do Mestrado, Katiusha Abreu, Fabiana Freitas, Veridiana Ferrari, Marcelle Louise, Roberta Cury e Suzani Duarte pela colaboração em tudo, companhia de todos os dias, conselhos, preocupações e alegrias divididas.

À querida aluna de iniciação científica, Dayane Rattis Theodozio, pela confiança e parceria, permitindo a concretização deste projeto.

Aos funcionários e docentes do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) e à Universidade de São Paulo (USP).

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro inicial e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro com bolsa à pesquisadora e com a Reserva Técnica, possibilitando a participação em eventos científicos e afins.

Ao Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia (CETEPP), por terem disponibilizado a condição material para coleta de dados deste projeto.

Enfim, essa conquista não é apenas minha, mas de todos aqueles que participaram e possibilitaram sua realização.

Muito obrigada a todos!

O real da vida se dá, nem no princípio e nem no final.  
Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.  
(Guimarães Rosa)



## RESUMO

**Barroso, Joana Brasileiro** (2013). O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister: Estudo Normativo com Adolescentes de 12 a 14 anos. *Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.* (Orientadora: Profa. Dra. Sonia Regina Pasian).

As diretrizes nacionais e internacionais de avaliação psicológica remetem à necessidade de constante atualização dos dados psicométricos dos instrumentos utilizados na prática profissional. Dentre os métodos projetivos de avaliação psicológica, com uso promissor, encontra-se o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, porém seus dados normativos referentes às últimas três décadas não englobam a faixa etária da adolescência. Nesse contexto, o presente estudo objetivou caracterizar e sistematizar normas avaliativas do Pfister para adolescentes, buscando otimizar a utilização desse método projetivo no Brasil. Buscou-se, ainda, verificar possíveis influências do sexo, da idade e da origem escolar nos resultados nesse método projetivo. Foram avaliados 180 participantes de 12 a 14 anos de idade, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e particulares do interior do Estado de São Paulo, todos voluntários, com relato de pais/responsáveis informando sinais de desenvolvimento típico (não pacientes). Após consentimento formal para a pesquisa, os adolescentes foram individualmente avaliados por meio do Teste de Inteligência Não-Verbal INV (forma C - para controle do nível intelectual dos participantes, aceitando-se na amostra aqueles com desempenho mínimo equivalente ao percentil 25) e pelo Teste de Pfister, seguindo-se orientações técnicas de seus manuais. Os dados deste estudo focalizam-se nas variáveis do Teste de Pfister, a saber: frequências das cores, das síndromes cromáticas, do aspecto formal, execução e fórmula cromática, comparando-os (Teste *t* de Student,  $p \leq 0,05$ ) aos dados normativos disponíveis de 1978 (adolescentes) e 2005 (adultos não pacientes), de modo a evidenciar, empiricamente, a especificidade de referenciais normativos para adequada avaliação psicológica de adolescentes no contexto contemporâneo. Os resultados médios da amostra presentemente avaliada foram os seguintes, em termos descritivos: Azul (18,6%), Verde (15,7%), Vermelho (15,0%), Violeta (12,8%), Branco (8,9%), Amarelo (8,7%), Laranja (7,0%), Preto (6,9%), Marrom (3,0%), Cinza (2,8%) e as síndromes: Síndrome Normal=49,5%, Síndrome Fria=47,2%, Síndrome Estímulo=30,8%, Síndrome Dinamismo=27,6% e Síndrome Incolor=18,7%. Com relação ao aspecto formal, houve predomínio de tapetes (49,4%), em seguida formações (36,5%) e, por último, estruturas (14,1%), na grande maioria executadas com ordenação (77,8%), algumas de modo metódico (17,8%) e outras desordenadas (4,4%). As fórmulas cromáticas mostraram-se assim

distribuídas: a) em amplitude: Ampla (69,4%), Moderada (21,7%) e Restrita (8,9%), b) em variabilidade: flexíveis (55,6%), instáveis (27,2%) e estáveis (17,2%). Houve diferenças estatisticamente significativas em função do sexo e da origem escolar dos adolescentes, com poucas especificidades em função dos anos de idade na faixa etária aqui avaliada. A comparação estatística entre dados atuais e de 1978 também identificou diferenças estatisticamente significativas no tocante às seguintes escolhas cromáticas: verde, violeta, laranja, amarelo, marrom, preto, branco e cinza, além das síndromes estímulo e incolor. Comparando-se com a amostra de 2005, evidenciaram-se diferenças estatisticamente significativas nas cores: vermelho, verde, violeta, laranja, marrom e preto, e também em todas as síndromes, exceto a síndrome fria. Desses resultados, pode-se extrair que existem diferenças entre os resultados atuais (adolescentes avaliados em 2011) e a amostra de 1978 (adolescentes) e 2005 (adultos), tornando-se indispensável a atualização dos dados normativos do Pfister, como pretendido no presente estudo, fortalecendo suas justificativas e sua utilização prática em processos de avaliação psicológica (CAPES e FAPESP).

**Palavras-chave:** *Adolescentes; Avaliação Psicológica; Teste de Pfister; Método Projetivo; Normas.*

## ABSTRACT

Barroso, Joana Brasileiro (2013). The Pfister Color Pyramid Test: Normative Study with Adolescents aged 12 to 14 years. *Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto*. (Orientadora: Profa. Dra. Sonia Regina Pasian).

The national and international guidelines for psychological evaluation suggest the need for constant updating of psychometric data of the instruments used in professional practice. Among the projective methods of psychological assessment, with promising use, is the Pfister Color Pyramid Test, but its normative data concerning the last three decades do not include the age of adolescence. In this context, the present study aimed to characterize and systematize Pfister's evaluative standards for teenagers, seeking to optimize the use of this projective method in Brazil. We also tried to verify influences of sex, age and school origin in the results of this projective method. A total of 180 participants from 12 to 14 years old, of both sexes, from public and private schools in the country of the state of São Paulo, all volunteers, with reports of parents / guardians informing signals of typical development (not patients). After informed consent for research, adolescents were individually assessed using the Test of Nonverbal Intelligence INV (form C - to control the intellectual level of the participants, accepting the sample those with minimal performance equivalent to percentile of 25%) and the Pfister Test, followed by their manuals technical guidance. Data from this study focus on the variables of the Pfister test, namely frequency of colors, chromatic syndromes, the formal aspect, execution and chromatic formula, comparing them (*Student t* test,  $p \leq 0.05$ ) to normative data available from 1978 (adolescents) and 2005 (adult non patients) in order to demonstrate empirically the specificity of normative references for proper psychological assessment of adolescents in the contemporary context. The average results of the sample currently assessed were the following, in descriptive terms: Blue (18.6%), Green (15.7%), Red (15.0%), Violet (12.8%), White (8.9%), Yellow (8.7%), Orange (7.0%), Black (6.9%), Brown (3.0%), Grey (2.8%) and syndromes: Normal Syndrome = 49.5%, Cold Syndrome = 47.2%, Stimulus Syndrome = 30.8%, Dynamism Syndrome = 27.6% and Syndrome Colorless = 18.7%. Regarding the formal aspect, there was a predominance of carpets (49.4%), then formations (36.5%) and lastly, structures (14.1%), the vast majority executed with ordering (77.8%), some methodically (17.8%) and others disordered (4.4%). The chromatic formulas distributed as follows: a) amplitude: wide (69.4%), moderate (21.7%) and restricted (8.9%), b) variability: flexible (55.6%) unstable (27.2%) and stable (17.2%). There were statistically significant differences by sex and school origin in the adolescents, with few specifics

depending on the age of the age group evaluated here. The statistical comparison between the 1978 and current data also identified statistically significant differences in the following chromatic choices: green, violet, orange, yellow, brown, black, white and gray, plus syndromes stimulus and colorless. Compared with the 2005 sample, showed up statistically significant differences in colors: red, green, violet, orange, brown and black, and also in all syndromes except the cold syndrome. From these results, one can draw that there are differences between the current results (adolescents assessed in 2011) and the sample of 1978 (adolescents) and 2005 (adults), making it necessary to update the normative data of the Pfister, as intended in this study , strengthening their justifications and their practical use in cases of psychological assessment (CAPES and FAPESP).

**Keywords:** *Adolescent, Psychological Assessment, Pfister Test, Projective Method, Norms.*



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Caracterização da amostra (n = 180) em função de idade, sexo e origem escolar dos participantes .....	43
<b>Tabela 2:</b> Distribuição dos adolescentes (n=180) em função de seus resultados (em percentis) no Teste de Inteligência Não-Verbal (INV – Forma C) .....	44
<b>Tabela 3:</b> Percorso amostral da pesquisa em função do tipo de instituição escolar (pública ou particular) .....	45
<b>Tabela 4:</b> Tempos totais (em segundos) de elaboração de cada uma das três pirâmides do Teste de Pfister pelos adolescentes (n=180).....	56
<b>Tabela 5:</b> Resultados descritivos das cores (em porcentagem) utilizadas pelos adolescentes (n=180) no Teste de Pfister .....	56
<b>Tabela 6:</b> Estatística descritiva (em porcentagem) das cinco principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister nos adolescentes (n=180) .....	57
<b>Tabela 7:</b> Distribuição dos adolescentes (n=180) em função dos referenciais normativos encontrados para as síndromes cromáticas do Teste de Pfister e suas cores componentes (com respectivos desvios em relação à norma) .....	58
<b>Tabela 8:</b> Distribuição das pirâmides do Pfister (em frequência simples e em porcentagem) construídas pelos adolescentes (n = 180) em função dos aspectos formais .....	60
<b>Tabela 9:</b> Distribuição dos processos de execução do Pfister (em frequência simples e em porcentagem) realizados pelos adolescentes (n = 180) .....	61
<b>Tabela 10:</b> Classificação das fórmulas cromáticas (em frequência simples e porcentagem) dos adolescentes (n = 180) em função da amplitude e da variabilidade das escolhas.....	62
<b>Tabela 11:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função do sexo dos adolescentes (n=180).....	63
<b>Tabela 12:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função do sexo dos adolescentes (n=180).....	64
<b>Tabela 13:</b> Comparação estatística dos aspectos formais das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes (n = 180) .....	65

<b>Tabela 14:</b> Comparação estatística dos processos de execução das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes (n = 180).....	66
<b>Tabela 15:</b> Comparação estatística da amplitude e da variabilidade das fórmulas cromáticas das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes (n = 180).....	67
<b>Tabela 16:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função da idade dos adolescentes (n=180) .....	68
<b>Tabela 17:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função da idade dos adolescentes (n=180).....	69
<b>Tabela 18:</b> Distribuição das pirâmides do Pfister em termos de aspectos formais e comparação estatística em função da idade dos adolescentes (n = 180).....	70
<b>Tabela 19:</b> Comparação estatística dos processos de execução das pirâmides do Pfister em função da idade dos adolescentes (n = 180).....	70
<b>Tabela 20:</b> Comparação estatística da amplitude e da variabilidade das fórmulas cromáticas das pirâmides do Pfister em função da idade dos adolescentes (n = 180).....	71
<b>Tabela 21:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função da origem escolar dos adolescentes(n=180) .....	72
<b>Tabela 22:</b> Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função da origem escolar dos adolescentes (n=180) .....	73
<b>Tabela 23:</b> Distribuição das pirâmides do Pfister em termos de aspectos formais e comparação estatística em função da origem escolar dos estudantes (n = 180) .....	74
<b>Tabela 24:</b> Distribuição dos processos de execução das pirâmides do Pfister e análise estatística em função da origem escolar dos adolescentes (n = 180).....	75
<b>Tabela 25:</b> Distribuição dos adolescentes quanto à amplitude e à variabilidade das fórmulas cromáticas e comparação estatística em função da origem escolar (n = 180) .....	75
<b>Tabela 26:</b> Porcentagens médias das cores do Teste de Pfister da amostra atual (n = 180) em relação à amostra de adolescentes de 1978 (n = 89).....	77
<b>Tabela 27:</b> Porcentagens médias das síndromes cromáticas do Teste de Pfister da amostra atual (n=180) em relação à amostra de adolescentes de 1978 (n = 89) .....	78
<b>Tabela 28:</b> Porcentagens médias das cores do Teste de Pfister da amostra atual (n = 180) em relação à amostra de adultos não pacientes (n = 111).....	79

<b>Tabela 29:</b> Porcentagens médias das síndromes cromáticas do Teste de Pfister da amostra atual (n= 180) em relação à amostra de adultos não pacientes (n = 111).....	80
<b>Tabela 30:</b> Resultados descritivos (em porcentagem) das cores utilizadas pelos adolescentes de escolas públicas (n=90) e particulares (n=90) no Teste de Pfister .....	81
<b>Tabela 31:</b> Resultados descritivos (em porcentagem) das síndromes cromáticas utilizadas pelos adolescentes de escolas públicas (n=90) e particulares (n=90) no Teste de Pfister .....	82
<b>Tabela 32:</b> Resultados descritivos (em porcentagem) dos aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes de escolas públicas (n=90) e particulares (n=90) no Teste de Pfister.....	83
<b>Tabela 33:</b> Distribuição do Aspecto Formal das pirâmides do Pfister em função do resultado (em percentil) no Teste INV dos 90 adolescentes de escolas particulares (n=270 pirâmides).....	85



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1. Adolescência.....	23
1.2. Avaliação Psicológica .....	26
1.3. Métodos Projetivos .....	27
1.4. Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister .....	30
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>41</b>
2.1. Geral .....	41
2.2. Específicos.....	41
<b>3. MÉTODO .....</b>	<b>43</b>
3.1. Participantes .....	43
3.2. Materiais .....	47
3.2.1. Carta de apresentação da pesquisa.....	47
3.2.2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	47
3.2.3. Questionário informativo sobre histórico pessoal .....	47
3.2.4. Teste de inteligência não verbal (INV – forma C) .....	48
3.2.5. Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister .....	48
3.3. Procedimentos .....	49
3.3.1. Aspectos Éticos .....	49
3.3.2. Coleta de Dados.....	50
3.3.3. Análise dos resultados .....	52
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
4.1. Perfil geral de resultados no Pfister.....	55
4.2. Pfister em função do sexo.....	63
4.3. Pfister em função da idade.....	67
4.4. Pfister em função da origem escolar.....	72
4.5. Comparação de dados normativos de adolescentes.....	76
4.6. Comparação de dados normativos de adolescentes e de adultos.....	79
4.7. Dados normativos do Pfister em adolescentes .....	81
4.8. Precisão do Pfister .....	83
4.9. Associação entre nível intelectual e aspecto formal das Pirâmides de Pfister .....	84

<b>5. DISCUSSÃO.....</b>	<b>87</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
APÊNDICE A1 - Carta de apresentação do projeto às Instituições de Ensino.....	103
Assinatura e carimbo do Representante Institucional .....	104
APÊNDICE B1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. ....	105
APÊNDICE C1 - Questionário Informativo Sobre Histórico Pessoal.....	106
APÊNDICE D1 - Análise da Precisão dos Aspectos Formais do Teste de Pfister dos adolescentes avaliados (n=180). ....	107
<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>
ANEXO 1 - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	111

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Adolescência

A adolescência é compreendida por Aberastury e Knobel (1981), como uma fase de mudanças corporais (puberdade) e psicológicas, onde há a perda do corpo infantil, do papel e da identidade infantil, dos pais da infância e da bissexualidade infantil. Portanto, é marcada pela construção de uma nova relação com o mundo e caracterizada como um período de contradições. É um período crítico, conturbado e de grandes atritos, constituindo uma etapa decisiva no desprendimento do jovem com seu meio familiar. O indivíduo fica em estado de desequilíbrio, chegando até, em determinados momentos, de acordo com os autores, a assumir certos traços de psicopatia.

Gutton (1990) refere-se a essas transformações corporais e a genitalização do psiquismo e do corpo como elementos ameaçadores e traumáticos, exigindo do adolescente uma reorganização da identidade corporal, psíquica e sexual da infância. Para Bee (1996), o início da adolescência, momento do presente estudo, é permeado por mudanças nos aspectos corporais, psicológicos e sociais, mas que devem culminar, no final de toda essa fase, numa identidade mais fortalecida. Trata-se, então, de um período de transição, da dependência familiar e da identidade infantil, para a construção de uma identidade adulta, que surge com a auto-suficiência.

Marty (2006) argumenta que, muitas vezes, o corpo púbere não é reconhecido como integrante do sujeito, mas como objeto externo que ameaça sua unidade narcísica. Ao adolescente cabe a possibilidade de elaborar esse bombardeio psíquico, as transformações, o desequilíbrio e os traumas. Entretanto, Marty (2009) ressalta que a adolescência não é uma doença, mas uma crise violenta, capaz de fragilizar o indivíduo narcisicamente. A fim de superar esses conflitos, Chabert (2002) descreve a complexidade do processo de confronto com as tensões internas vivenciadas pelos adolescentes, exigindo trabalho psíquico de reorganização pulsional frente a tensões externas que se refletem, por fim, no campo das relações interpessoais. Dessa forma, torna-se possível a passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário.

Aberastury (1983) afirma que a adolescência é uma etapa decisiva de um processo de desprendimento. Surge a possibilidade de consumação do incesto, que pode ser desfeita com a

busca do objeto de amor no mundo externo, caso consiga o desprendimento interno dos pais. Com a maturidade, o adolescente poderá mais tarde aceitar-se independente, mas precisa passar pelo marco da dependência, o que gera conflitos e ambivalência, devido às oscilações entre a regressão e o crescimento, que pode ser confundido com crise e estados patológicos. Entretanto, a inserção desse jovem na sociedade, de acordo com essa autora, é que tem maior impacto, podendo gerar tensões e comoções.

De forma geral, Aberastury (1983) argumenta que o começo da adolescência, foco do presente estudo, ainda engloba o período de latência em termos psicodinâmicos, caracterizando-se como um período de transição, como já afirmado. Nessa transição, a escola e a aprendizagem ocupam grande parte de seus interesses, desprendendo-se da convivência familiar, podendo-se pensar numa possível predominância de relações voltadas para a razão e a negação de elementos afetivos.

Na adolescência em si, no entanto, outros discursos passam a valer além do familiar, no momento da inserção social. De acordo com Paladino (2005), a perda do discurso de pertinência e deste lugar social gera sofrimento nesses jovens, cuja expressão se dá por meio da apatia, da solidão e do emudecimento, assim como da pobreza afetiva, que poderia dar forma sintomática a vivências consideradas traumáticas. Falando sobre o jovem de hoje, essa autora retrata o adolescente com poucas expectativas na vida profissional, desinteressado por questões sociais, atividades artísticas e físicas, fazendo-as apenas por obrigação escolar. Na perspectiva dessa pesquisadora, o mundo dos adolescentes da atualidade, na maior parte das vezes, restringe-se a televisão, internet e shopping center, predominando o intuito de fazer compras ou refeições, ou seja, permeado de gratificações imediatas e concretas.

Além das transformações somáticas e afetivas, o desenvolvimento cognitivo do adolescente, de acordo com Levisky (1998), também sofre alterações. O pensamento concreto evolui para o pensamento formal, que pode ser caracterizado pelo pensamento hipotético-dedutivo, permitindo-lhe ampliar o campo de conhecimentos e o processo identificatório. Torna-se possível raciocinar por meio de hipóteses e não apenas pela percepção sensorial, possibilitando o jovem a questionar, criticar e investigar. Torna-se capaz de refletir sobre o significado da vida, do amor, da política, ao mesmo tempo que busca sua autonomia e autenticidade. Apesar do processamento lógico poder funcionar de modo semelhante ao adulto, o adolescente ainda carece de experiência emocional, perceptível pela frequente falta de sistematização em seus pensamentos. Essa evolução dos processos cognitivos dá qualidades fundamentais para a organização da personalidade, que segundo Levisky (1998), estão intimamente relacionadas.



Outro estudo sobre adolescentes foi desenvolvido por Kristensen, Leon, D’Incao e Dell’Aglia (2005), com 330 adolescentes de 12 a 17 anos, de escolas estaduais de Porto Alegre e Novo Hamburgo (Estado do Rio Grande do Sul). Identificaram sinais de declínio no bem-estar geral nos adolescentes de hoje. Alguns dos fatores de risco referidos foram: mudanças de vida (como separação dos pais), mudança de escola, doenças, deficiências do desenvolvimento físico ou emocional, provas escolares, disputa com amigos, condições estressoras crônicas (como pobreza e ter sofrido algum tipo de violência). Os autores realizaram a adaptação do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA), encontrando resultados indicativos de que os eventos considerados mais estressores pelos adolescentes foram: provas acadêmicas, discussões com amigos, morte de algum familiar, obediência aos pais e brigas com irmãos. Os dados demonstraram importante e duplo papel da exigência acadêmica sobre o adolescente e de suas relações sociais (sobretudo entre amigos e irmãos): apesar de serem componentes inerentes a esse momento da vida, constituem-se também como fatores estressores. Além disso, a busca da autonomia sinalizou-se associada à vivência do conflito no momento de obedecer aos pais.

Percebe-se, então, peculiaridades no desenvolvimento cognitivo e afetivo do adolescente, que se encontra, de acordo com Aberastury (1983), num momento de transição onde existem as perdas do corpo infantil e da maneira de se relacionar com a família, mas também existe o ganho do social de forma mais incisiva, podendo ou não culminar em crises. A busca da construção da identidade é o fator decisivo nesse momento, visto que deve garantir maior independência e autonomia. Ao mesmo tempo, o adolescente ainda não possui tanta experiência emocional, podendo caminhar para um certo isolamento e deixar prevalecer a razão como forma de proteção a seus afetos, segundo Paladino (2005). A investigação, por meio da avaliação psicológica, pode contribuir com a compreensão dessa etapa do desenvolvimento, por meio da sistematização desses aspectos delineados, permitindo verificar traços e características da adolescência, embora complexa e diretamente vinculada ao contexto sociocultural onde o indivíduo se encontra inserido. Desse modo, torna-se relevante considerar alguns princípios relativos ao processos de avaliação psicológica, tópico a seguir aqui abordado.

## 1.2. Avaliação Psicológica

Os primeiros passos da avaliação psicológica, de acordo com Cunha (2000), foram sistematizados com o advento dos testes psicológicos entre o fim do século XIX e o início do século XX, caracterizando uma das funções do psicólogo. Atualmente, o profissional de Psicologia lança mão de variadas estratégias de avaliação com objetivos bem definidos, sendo que a testagem psicológica é um importante passo. O teste psicológico mostra-se, portanto, como recurso importante em termos de instrumento de trabalho da Psicologia ao longo de sua existência. Para Urbina (2007), o teste psicológico é um procedimento que se caracteriza por planejamento e uniformidade, a fim de obter amostras de comportamento significantes para o funcionamento psicológico, cognitivo e afetivo, e os resultados devem ser avaliados a partir de padrões baseados em dados empíricos. A avaliação psicológica, no entanto, utiliza-se de testes e de outras estratégias para avaliar um indivíduo de forma sistemática e científica, como inventários, questionários e escalas avaliativas, visto que deve partir de um levantamento de hipóteses feito anteriormente, que serão confirmadas ou não.

No âmbito internacional, esforços de pesquisadores levaram à criação da *International Test Commission* (ITC - <http://www.intestcom.org/>), como uma instância orientadora nos processos de elaboração e uso de testes psicológicos, garantindo sua cientificidade, assim como a adaptação desses instrumentos para contextos e países diferentes daqueles onde foram criados. Além disso, a ITC facilita a troca de informações entre pesquisadores e estimula a cooperação, organizando encontros internacionais e promovendo a publicação de informações e projetos relevantes para um uso científico e ético dos instrumentos de avaliação psicológica. Surgiram, a partir desse esforço, documentos de orientação técnica aos utilizadores de instrumentos de avaliação psicológica, com destaque para o trabalho intitulado “*International Guidelines for Test Use*” (ITC, 2000). Estas diretrizes funcionam como parâmetro internacional de orientação para tentar garantir o uso adequado de instrumentos de avaliação psicológica, possibilitando resultados válidos e úteis aos envolvidos nesses processos.

No Brasil, um panorama sobre a avaliação psicológica foi levantado por Alchieri e Noronha (2005). Esses autores relataram vários questionamentos quanto às técnicas utilizadas no contexto brasileiro, tanto no que se refere à qualidade, como ao manuseio por parte dos psicólogos, considerando os resultados encontrados em avaliações psicológicas realizadas em seleção de pessoal, na obtenção de carteira de habilitação, em psicodiagnóstico e em outros campos de aplicação. Sob a perspectiva histórica, os autores ressaltaram que alguns testes

foram utilizados antes da Psicologia se delinear como profissão no Brasil, surgindo quase que concomitantemente a área da avaliação psicológica.

Diante dessa realidade e no esforço de aprimoramento da avaliação psicológica no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003) elaborou a Resolução 002/2003, regulamentando diretrizes de qualificação e de uso de instrumentos utilizados nesses processos. Passou-se a exigir que os testes psicológicos apresentassem manuais contendo informações precisas de classificação e de interpretação dos escores, normas expressas de forma detalhada e procedimentos claros de aplicação e análise de dados, além de suas evidências de validade e de precisão no contexto nacional, a ponto de garantir adequadas condições técnicas aos instrumentos psicológicos. Atualmente, existem cerca de 250 testes psicológicos sendo utilizados no Brasil, necessitando de regulação para o uso científico e ético dessas ferramentas, segundo registros oficiais disponíveis no site do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013).

Dessa diversidade instrumental da Psicologia, pode-se destacar os métodos projetivos de avaliação psicológica, distinguindo-se pelo caráter subjetivo e expressivo, objeto a seguir tratado nesse trabalho.

### **1.3. Métodos Projetivos**

Dentre os inúmeros instrumentos de avaliação psicológica disponíveis para uso, existem os métodos projetivos que, segundo Urbina (2007), surgiram a partir da década de 1920, com a publicação do Método de Rorschach. A técnica projetiva de avaliação psicológica, de acordo com essa autora, visa explorar aspectos dinâmicos de personalidade, sendo interpretado sob a ótica de um referencial teórico, dificultando a descrição de suas propriedades psicométricas. Apesar de complexas para serem manejadas apenas quantitativamente, muitos métodos projetivos suportaram o uso de procedimentos que permitem refinamento em seu sistema de avaliação e interpretação, aprimorando-se ao longo dos anos.

Lilienfeld, Wood e Garb (2000) revisaram a literatura científica a respeito das propriedades psicométricas dos testes projetivos, visando checar seu status científico e verificaram reduzidos indicadores de validade e fidedignidade. Enfatizaram, em decorrência,

a necessidade de se pesquisar as técnicas projetivas de modo a demonstrar onde e como podem ser úteis e válidas, a depender também da adequada formação e do treinamento dos psicólogos que as utilizam. Esse trabalho foi um disparador internacional para muitas investigações científicas em metodologia projetiva de avaliação psicológica, marcando-se como um importante trabalho nesta área. Um pouco mais tarde, o estudo desenvolvido por Garb, Wood, Lilienfeld e Nezworski (2002) conseguiu demonstrar e descrever a eficácia do uso de testes projetivos para se identificar sinais de psicopatologia e de sofrimento psíquico, favorecendo o diagnóstico e a compreensão de sintomas, fortalecendo o uso deste tipo de avaliação psicológica na prática clínica cotidiana.

Nessa mesma perspectiva, porém no contexto do Brasil, Villemor-Amaral e Pasqualini-Casado (2006) desenvolveram um trabalho sobre a cientificidade das técnicas projetivas de avaliação psicológica. Argumentaram que, em contraposição às técnicas objetivas (ou de autorrelato), os métodos projetivos (ou métodos expressivos) sinalizam um aparente e menor rigor metodológico. Destacaram, no estudo, as diferenças entre instrumentos projetivos e objetivos de avaliação psicológica, explicando que escores de autorrelatos predizem respostas intencionais dadas em circunstâncias especiais e claras (técnicas objetivas). Já os indicadores das técnicas projetivas sugerem prognóstico de comportamento com tendência espontânea, subjetiva, motivadas por necessidades implícitas, com maior probabilidade de se manifestar em determinados contextos. Segundo as autoras, essas distinções dificultam a correlação entre essas medidas, mas a investigação científica que busca o rigor psicométrico dos métodos projetivos deve continuar, acompanhando os recursos tecnológicos existentes de modo a proporcionar a devida confiabilidade a esses instrumentos de avaliação psicológica, acrescentando evidências de validade às produzidas até então.

O status científico e a questão da validade e da fidedignidade dos métodos projetivos de avaliação psicológica foram temas tratados em vários trabalhos, como apontado por Fensterseifer e Werlang (2008). As pesquisadoras referem a grande relevância desses instrumentos para a avaliação da personalidade, podendo expressar aspectos do mundo interno, percepção do mundo externo, bem como sinalizar indicadores de quadros psicopatológicos, por meio da projeção. Enfatizaram a necessidade de atenção dos profissionais para os cuidados de base psicométrica no uso desse tipo de instrumental, buscando sempre a validade e a fidedignidade do sistema de classificação das respostas utilizado nos métodos projetivos. Argumentaram, ainda, que essa é uma tarefa árdua, tendo em vista o caráter multideterminado da personalidade e da afetividade, em geral, construtos centrais nas técnicas projetivas.

A utilização dos diferentes métodos projetivos de avaliação psicológica no Brasil foi alvo do trabalho realizado por Noronha, Primi e Alchieri (2005). Demonstraram que, em diversos contextos, técnicas como Rorschach, Pfister, Zulliger, Teste de Apercepção Temática (TAT), Teste das Fábulas e Desenho de Figura Humana (DFH), são utilizados por muitos psicólogos e figuram na lista dos mais populares entre os profissionais brasileiros. Depreende-se, portanto, recorrência a essas estratégias técnicas no trabalho do psicólogo brasileiro, exigindo investimento científico na área.

Aliada a estas evidências, Bandeira, Trentini, Winck e Lieberknecht (2006) elaboraram um panorama sobre o uso dos testes psicológicos no Brasil e, em especial, das técnicas projetivas de avaliação psicológica. Além de retratar a situação existente, procuraram avaliar o impacto produzido pelas resoluções e medidas tomadas pelo CFP (2003) nessa área. Na análise desses autores, após a averiguação dos testes psicológicos efetuada pelo CFP a partir de 2003, os testes projetivos sofreram grande prejuízo na prática no contexto nacional, já que suas críticas, na maior parte, envolviam as qualidades psicométricas pouco investigadas dessas técnicas. Alves (2004) recorda que apenas dois métodos projetivos configuravam na primeira lista de instrumentos de avaliação psicológica aprovados pelo CFP, especificamente o BBT (Teste de Fotos de Profissões) e o Teste de Fábulas, dentre 25 que haviam sido submetidos. Na tabela publicada em 2005, segundo esta última autora, passaram a figurar também, TAT, Pfister, HTP, Zulliger e Rorschach, ocorrendo um total de 48% de aprovação das técnicas projetivas e 49,5 % no caso dos testes psicométricos.

Percebe-se, portanto, a necessidade de contínua investigação científica sobre os instrumentos de avaliação psicológica utilizados no Brasil, tanto pelas diretrizes nacionais do CFP (2003), quanto internacionais da ITC (2012), no sentido de garantir a sua validade e o seu poder informativo de compreensão dos indivíduos. No congresso da ITC realizado em Julho de 2012, por exemplo, foi discutida a questão dos avanços da avaliação psicológica no tocante ao uso de tecnologia digital na testagem psicológica, que pode facilitar a elaboração de várias versões paralelas do mesmo teste, bem como correção imediata dos resultados, entre outras vantagens. No entanto, há também limites e dificuldades de conteúdo e de validade que perpassam esses avanços tecnológicos dos processos de avaliação psicológica, a serem detalhadamente considerados na área. Na prática profissional da Psicologia no Brasil, é grande o uso de testes e técnicas psicológicas de avaliação, como demonstrado em Noronha, Primi e Alchieri (2005), exigindo, na mesma proporção, estudos a respeito de suas características técnicas para garantir atendimentos de qualidade aos indivíduos que buscam ajuda psicológica.

Dentro dessa gama de métodos projetivos em uso no Brasil, encontra-se o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Trata-se de uma técnica projetiva de avaliação psicológica que, como exposto por A.E. Villemor-Amaral (2005, 2012), avalia aspectos afetivos e cognitivos, sendo utilizado com boa aceitação na área clínica, organizacional, educacional e em saúde. Esta autora classifica o Teste de Pfister como um método projetivo utilizado para avaliar a personalidade do indivíduo e suas manifestações psicodinâmicas, caracterizando-se por fácil aplicação e por ser uma prova não verbal. Permite avaliar crianças a partir de sete anos até idosos, de diversos níveis educacionais, além de ser rápido e lúdico, tornando-se geralmente uma atividade agradável. Com essas vantagens, mostra-se adequado às condições de pessoas com transtornos mentais e com limitações peculiares a alguma patologia ou tratamento. Diante destas possibilidades, o Teste de Pfister será foco do presente trabalho, como a seguir argumentado.

#### **1.4. Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister**

O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister constitui-se como método projetivo de avaliação psicológica estruturado a partir da composição de pirâmides com quadrículos coloridos, propondo, portanto, uma atividade de natureza lúdica ao respondente. Além desse caráter, o fato de ser não verbal e de rápida aplicação, facilitam seu uso em diversos campos de aplicação, sempre focalizando o objetivo na compreensão de características do funcionamento afetivo dos indivíduos. No Brasil, historicamente, há muitos trabalhos relevantes com esse método projetivo, porém cabe destacar nesse momento o trabalho desenvolvido por F. Villemor Amaral (1978), quando apresentou à comunidade científica resultados de amplo estudo com crianças, adolescentes e adultos, constituindo-se num primeiro manual desse instrumento.

A necessidade de se continuar o processo de aprimoramento dessa técnica projetiva de avaliação psicológica no Brasil tem motivado outras investigações científicas, podendo-se citar algumas encontradas a partir de 2002, por meio de levantamento de literatura científica da área. Ao recorrer à base de dados BVS-Psi com o unitermo “Pfister” (busca realizada em 15 de Fevereiro de 2013), foram identificados 62 artigos, dos quais 31 eram do Index Psi, 13 da Scielo e 18 do Pepsic. Entretanto, 22 foram excluídos por serem repetidos, outros 18 por serem publicados em período anterior ao tempo determinado para esse levantamento

bibliográfico, além de outros sete por tratarem de assunto diverso (e não o Teste de Pfister). Restou, assim, um saldo de 15 artigos para serem analisados, a partir de 2002 até 2012 (na última década, portanto), sobre o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, conteúdo a ser sinteticamente descrito, respeitando-se a ordem cronológica dos estudos.

Nesse contexto, Villemor-Amaral, Silva e Primi (2002) apresentaram evidências de validade do Teste de Pfister no diagnóstico de Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). A amostra desse estudo foi composta de 30 indivíduos, maiores de 18 anos, sendo 12 pacientes, ligados a instituições de saúde mental, diagnosticados com TOC, pela Entrevista Clínica Estruturada para Transtornos do Eixo I do DSM-IV (SCID-I), e 18 indivíduos do grupo controle, sem histórico de problemas psiquiátricos ou psicológicos, provenientes da comunidade, pareados por idade e escolaridade. Os resultados dos grupos foram analisados por meio da regressão logística, verificando a capacidade de predição de variáveis do Pfister para o grupo clínico, como o aumento significativo da cor marrom e de formações simétricas. Confirmando-se a hipótese inicial, foram encontrados aumento significativo da cor marrom no grupo de pacientes, indicativo de obsessões e compulsões, além de maior número de formações simétricas, que pode representar a necessidade de controle, a fim de diminuir a ansiedade, típica da compulsão presente no TOC, diferenciando-os dos não-pacientes da amostra (grupo controle). Esses resultados permitiram afirmar a adequação do Teste de Pfister enquanto instrumento de avaliação de características psicológicas, visto que os principais sintomas de TOC descritos na literatura foram expressos significativamente nesse teste, sobretudo pelo aumento da cor marrom e das formações simétricas.

Já com objetivo de atualizar as expectativas de desempenho na técnica de Pfister, o estudo desenvolvido por Villemor-Amaral, Primi, Farah, Cardoso e Franco (2003) utilizou uma amostra de 111 indivíduos voluntários, de 18 a 66 anos de idade, não-pacientes, do interior de São Paulo e de Minas Gerais. Compararam os resultados obtidos nesse estudo com os resultados alcançados por F. Villemor Amaral em 1978, demonstrando, empiricamente, que as médias esperadas para a frequência das cores quase não diferiam de seus dados. Nesse estudo os autores apresentaram ainda resultados relativos aos aspectos formais das pirâmides, que não se encontravam no estudo de 1978, complementando referenciais normativos para avaliação de adultos do contexto brasileiro contemporâneo.

Os trabalhos seguintes com o Teste de Pfister também caminharam em busca de suas evidências de validade. Desta forma, Villemor Amaral, Silva e Primi (2003) avaliaram 15 indivíduos alcoolistas, que passaram pelo crivo da entrevista estruturada (SCID-I) e pelo Teste de Pfister, comparando-os com os dados da amostra normativa avaliada também em

2003. Para analisar os resultados, foi realizada a regressão logística. Observou-se significativa maior porcentagem da cor vermelha e da constância absoluta da cor violeta nos casos de alcoolistas, interpretados como sinais de voracidade, impulsividade e agressividade, traços de personalidade que, teoricamente, podem ser desenvolvidos pelo indivíduo alcoolista, confirmando hipóteses da literatura científica da área. A presença do violeta em todas as pirâmides indicaria sinal de ansiedade, insatisfação interna e inquietação, características também postuladas como presentes em quadros de alcoolismo.

Em outro estudo de validade, dessa vez investigando o desempenho de pacientes com depressão no Teste de Pfister, Villemor-Amaral, Primi, Farah, Silva, Cardoso e Franco (2004) reuniram uma amostra de 19 pacientes com diagnóstico de depressão, por meio da SCID-I, comparando seus resultados aos encontrados com o grupo de 110 não-pacientes na faixa etária de 18 a 55 anos e escolaridade semelhante ao grupo clínico. A análise dos dados obtidos foi realizada por intermédio da regressão logística, a fim de verificar as variáveis com força de descrição de depressão, de acordo com os critérios clínicos. Chegaram ao resultado que demonstra significativo aumento do verde, acompanhado de constância absoluta de violeta, maior incidência de pirâmides cortadas e de formações tendendo à estrutura, nos pacientes com diagnóstico de depressão. A combinação desses indicadores confirma a descrição de funcionamento depressivo pela literatura científica, visto que aumento significativo de verde, de acordo com F. Villemor-Amaral (1978) pode indicar elevada ansiedade associada à sobrecarga de estimulação interna impregnada de emoções, podendo enfraquecer o equilíbrio psíquico. Essa informação corrobora o indicador de constância absoluta de violeta, ou seja, a presença do violeta nas três pirâmides, que também pode representar o aumento de tensão e ansiedade, devido ao excesso de excitação, porém numa direção de introversão e retenção dessa excitação. Os achados desse trabalho encontraram uma sensibilidade diagnóstica aproximada de 84%. Entretanto, ficou clara a necessidade do uso concomitante de outros instrumentos de avaliação psicológica para segurança do diagnóstico de depressão, visto que a especificidade do diagnóstico com esse teste, nessa amostra, foi próxima a 34%.

Na mesma diretriz investigativa, Villemor-Amaral, Farah e Primi (2004) avaliaram o desempenho de pacientes com Transtorno do Pânico no Teste de Pfister. Foram incluídos na amostra 15 indivíduos, de ambos os sexos, com diferentes níveis de escolaridade, diagnosticados pela SCID-I como portadores de pelo menos um episódio de Transtorno do Pânico e foram comparados com 109 indivíduos de 18 a 55 anos, que nunca precisaram de ajuda psiquiátrica. Novamente utilizando a ferramenta da regressão logística, buscou-se verificar quais variáveis do Pfister poderiam prever diagnóstico de Transtorno do Pânico.



Observaram, assim, um aumento significativo, em comparação ao grupo de não-pacientes, de formações simétricas e da porcentagem do azul nos casos de transtorno do pânico, sugerindo vivência de insegurança, rompimento da relação consigo mesmo, inibição e constrição, aspectos descritos pela literatura científica como associados a esse quadro psicopatológico. Confirmaram-se, assim, evidências empíricas de validade do Teste de Pfister em diferentes grupos clínicos estudados no Brasil.

Na sequência dos trabalhos aqui levantados, identificou-se uma investigação com foco nos quadros de esquizofrenia a partir do Teste de Pfister. Nesse sentido, Villemor-Amaral, Primi, Franco, Farah, Cardoso e Silva (2005) descobriram que a sensibilidade do Pfister para diagnóstico da esquizofrenia mostrou-se relativa. A amostra compôs-se de 20 indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, e de níveis de escolaridade e econômico variados, com diagnóstico de Esquizofrenia pelo critério da SCID e que estavam sendo medicados por seus psiquiatras. Para comparação foi utilizada a amostra, da mesma região do grupo clínico, de 110 não-pacientes, da amostra normativa, que consta no manual de A. E. Villemor Amaral (2005). O procedimento utilizado para análise foi a regressão logística, com a finalidade de identificar as variáveis preditoras do diagnóstico de Esquizofrenia. As variáveis encontradas foram: incidência significativamente maior de tapetes furados e desequilibrados, no grupo de pacientes, bem como constância absoluta de vermelho e marrom, enquanto que a frequência de formações em camadas foi significativamente menor nesse grupo, em comparação ao grupo de não-pacientes. Foi detectado 70% de acerto no diagnóstico de Esquizofrenia ao utilizar essas variáveis, porém houve o risco de 43% de falsos positivos no grupo de não-pacientes. Contudo, os autores argumentaram sobre a contribuição do Pfister para se compreender variáveis relacionadas ao funcionamento lógico e afetivo dos casos clínicos, sobretudo quando associado a outros recursos de avaliação psicológica.

O propósito de evidenciar as qualidades informativas desse método projetivo de avaliação psicológica permaneceu no trabalho de Cardoso e Capitão (2006). Esses pesquisadores estudaram 80 crianças de 6 a 12 anos, com surdez bilateral (sendo 29 bilíngues, 20 de comunicação total e 31 oralizadas), todos estudantes do pré-primário a sexta série, comparando seu desempenho com o de 37 crianças ouvintes, estudantes do pré-primário a sétima série, sem histórico de acompanhamento de recuperação escolar. Foram examinados por meio do Teste de Pfister, utilizando-se do teste estatístico *t* de *Student* para análise inferencial. Pode-se verificar o aumento significativo da cor violeta, predominância no aspecto formal de tapete e rebaixamento das pirâmides do tipo estrutura nas crianças surdas

em relação às ouvintes, apontando para uma organização cognitiva menos sofisticada nas primeiras.

Em seguida, os mesmos pesquisadores retomaram seus dados prévios para aprofundar a verificação de evidências de validade do Pfister no contexto da surdez e analisar possíveis influências dos modelos educacionais (bilinguismo, comunicação total, oralizada) nas crianças surdas. Assim, Cardoso e Capitão (2007) destacaram que a única cor que apresentou diferença estatisticamente significativa entre os grupos foi a cor violeta, aumentada em crianças surdas, indicando sinais de maior ansiedade do que as ouvintes, dado que corrobora outros achados desses autores. Também houve diferenças estatisticamente significativas em sua organização cognitiva, visto que os surdos apresentaram maior frequência de tapetes e os ouvintes maior frequência de formações, confirmando as discussões sobre um possível déficit cognitivo em crianças surdas, como relatado pelos autores. A partir desses achados, consideraram o Teste de Pfister um instrumento útil na compreensão da dinâmica emocional e organização cognitiva de crianças com surdez.

Na tentativa de identificar possíveis divergências de desempenho de indivíduos de diferentes regiões do Brasil, o estudo de Villemor-Amaral, Pianowski e Gonçalves (2008) comparou o padrão de escolhas no Pfister da amostra normativa da região Sudeste em relação a uma amostra de adultos da região Nordeste. Avaliaram 83 indivíduos não-pacientes, numa faixa etária entre 18 e 50 anos, de ambos os sexos, de estados nordestinos. A comparação entre os desempenhos no Pfister foi feita com base na tabela normativa do manual, com 111 sujeitos não-pacientes da região sudeste do Brasil (A. E. Villemor-Amaral, 2005), compondo-se grupos de características sociodemográficas semelhantes. As duas amostras foram comparadas em suas frequências de escolhas das cores e nos aspectos formais do Pfister, encontrando-se diferença estatisticamente significativa apenas em duas variáveis bem específicas. A frequência da cor laranja apresentou-se rebaixada na nova amostra, e esta cor pode indicar ambição intelectual e expansão afetiva. Quanto aos aspectos formais, as formações tiveram frequência rebaixada na região nordeste, em relação ao grupo de comparação aqui utilizado. A partir dessas diferenças pontuais, não se justificaria a elaboração de referenciais normativos para adultos não-pacientes de regiões específicas do Brasil nesse método projetivo, pelo menos diante das evidências existentes até o presente momento, segundo os referidos pesquisadores.

Já com foco na análise dos indícios de compulsão alimentar em pacientes que vivenciaram a cirurgia bariátrica, Machado, Zilberstein, Cecconello e Monteiro (2008) examinaram 50 pacientes, por meio de entrevista semi-estruturada e do Teste de Pfister, antes

da cirurgia e após dois anos da mesma, comparando seus achados com dados de não pacientes. As análises comparativas dos resultados médios dos dois momentos avaliativos evidenciaram que as cores marrom e preta (postuladas como indicadores de compulsão) alcançaram aumento significativo após a cirurgia. O mesmo ocorreu com o vermelho, sugerindo aumento na intensidade dos indicadores de impulsividade e irritabilidade. O azul, como representante da capacidade de controle racional sobre os afetos, encontrou-se mais rebaixado após a cirurgia. Outra variável estudada foi a capacidade de lidar com situações conflitivas, representada pelas pirâmides com aspecto formal de estruturas, tendo apresentado diminuição após a cirurgia. Segundo os pesquisadores, notou-se indicadores de presença constante de sinais compulsivos na amostra de pacientes, favorecendo o comportamento de compulsão alimentar, tanto antes como depois da cirurgia. A compulsão, de acordo com os autores, pareceu associada ao funcionamento psicológico marcado por sinais de dificuldade em organizar emoções, de depressão e de ansiedade. A mudança identificada nas vivências do grupo clínico após o procedimento médico pareceu associada apenas a alimentos de fácil ingestão, mas os sinais psicológicos indicativos de compulsão persistiram ou se intensificaram. Seus achados apontaram a relevância do estudo aprofundado das vivências emocionais dos casos de cirurgia bariátrica, mostrando-se o Teste de Pfister um instrumento útil para compreensão das características psicológicas desses indivíduos.

Com a finalidade de contribuir com a divulgação do transtorno dissociativo de identidade e relatar a riqueza da utilização do Teste de Pfister nestes casos, Faria (2008) publicou um estudo de caso que envolvia uma paciente com 10 personalidades diferentes, diagnosticada segundo os critérios da DSM-IV. A análise qualitativa dos dados foi configurada em indicadores sintomatológicos e dissociativos relacionados a sinais de amnésia, traumas e emersões espontâneas entre personalidades, típicos do transtorno dissociativo. Entre outros dados, o autor destaca a ausência da cor laranja, podendo indicar enfraquecimento estrutural e dissociação, com significativo aumento da cor preta e azul, sugerindo repressão, introversão e tendência à perda de contato com a realidade. A presença de estruturas em mosaico no aspecto formal e modo de colocação simétrica e ascendente sinalizaram tendência à busca de equilíbrio e de integração, desenvolvida inteligência e sensibilidade artística. O caso foi reavaliado após um mês, encontrando-se semelhanças em relação às primeiras pirâmides, apontando indicadores de precisão e de qualidade informativa do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister como instrumento enriquecedor em processos psicodiagnósticos.

Outros quatro estudos foram identificados nessa revisão bibliográfica, publicados no ano de 2012. Franco e Villemor-Amaral (2012) examinaram a validade incremental do Pfister e do Zulliger, no contexto da toxicomania, buscando compreender 20 dependentes químicos, por meio desses dois instrumentos de avaliação psicológica. Dentre esses vinte participantes, 10 eram adictos em álcool (no Brasil) e 10 eram dependentes de heroína (na França). Todos encontravam-se em centros especializados para processo de desintoxicação. Os resultados dos métodos projetivos foram analisados pela perspectiva fenômeno-estrutural, que compreende o funcionamento do indivíduo a partir do modo de viver o tempo e o espaço. Os resultados demonstraram coerência entre as informações geradas pelos instrumentos, no que se refere à eficiência para conhecer as vivências internas desses indivíduos no tocante a suas necessidades sociais e afetivas, fortalecendo indicadores de validade clínica do Pfister.

Em um trabalho de revisão da literatura científica nacional sobre o Teste de Pfister, Silva e Cardoso (2012), encontraram 32 produções científicas cadastradas na base de dados BVS-Psi. Entre esses, 20 eram resumos de artigos científicos publicados em periódicos, entre 1959 e 2000, enquanto 12 eram artigos completos, desde 2001 até 2011, os quais predominantemente visavam implementar as evidências de validade desse método projetivo, reafirmando também os achados identificados no presente trabalho e já anteriormente referidos.

Com foco em elaborar padrões normativos para idosos com o Teste de Pfister, Bastos-Formighieri e Pasian (2012) avaliaram 100 idosos com idade de 60 a 75 anos, não-pacientes, apresentando bom estado geral de saúde. Ao examinar particularidades das escolhas cromáticas desses idosos em função do sexo, as autoras observaram que apenas o azul mostrou diferença estatisticamente significativa, sendo mais frequente nas mulheres, podendo significar maiores esforços nas vias racionais nesse subgrupo. Comparando-se o total de idosos avaliados com os adultos de Villemor-Amaral (2005), foram identificadas diferenças estatisticamente significativas na frequência de sete cores, a saber: azul, vermelho, amarelo, marrom, preto, branco e cinza. Esses dados demonstraram a necessidade de serem elaborados padrões normativos específicos do Pfister para essa fase do desenvolvimento humano.

Ainda na busca de evidências de validade do Teste de Pfister para avaliação de crianças, Villemor-Amaral, Pandini, Tavella, Biasi e Migoranci (2012) objetivaram identificar diferenças no desenvolvimento cognitivo e emocional de 85 crianças de escolas públicas, com idades de 6 e 12 anos. Foram analisados os indicadores da frequência de cores, síndromes cromáticas e aspecto formal das pirâmides construídas. As crianças menores apresentaram maior frequência de amarelo, da síndrome estímulo e de tapetes puros, enquanto que as

maiores tiveram maior frequência de branco e preto, bem como de estruturas em manto. Esse tipo de construção da pirâmide sinaliza maior elaboração cognitiva em relação aos tapetes, mais frequentes nas crianças de 6 anos. Os achados apontaram maior complexidade no desenvolvimento cognitivo dos participantes de 12 anos, como seria esperado, confirmando possibilidades informativas do Pfister.

Analisando os artigos explicitados até o momento, identificados nesse levantamento bibliográfico a partir da base do BVS-Psi, pode-se notar que a maioria (dez estudos) foram realizados com adultos, apenas quatro com crianças e um com idosos. Entre os quinze estudos detalhados apenas um foi revisão de literatura. Até esse momento, nenhum dos trabalhos identificados contemplou adolescentes em suas amostras, deixando uma lacuna no manual e nas pesquisas sobre o Pfister na representação dessa faixa etária.

Ainda com o objetivo de identificar trabalhos publicados a respeito do Teste de Pfister em diferentes fontes bibliográficas, pode-se detectar o capítulo de livro de autoria de Villemor-Amaral e Franco (2008). Essas pesquisadoras fizeram um levantamento das últimas contribuições científicas para o Pfister e constataram que a maior parte dos estudos empíricos estavam voltados para verificação da validade desse instrumento projetivo de avaliação psicológica, bem como constatado em levantamento de literatura para o presente estudo. Relataram ainda o desenvolvimento do estudo de Villemor-Amaral, Farah e Milanesi (2007), que se encontrava em andamento, voltado à elaboração e à atualização de tabelas normativas para crianças de 6 a 10 anos, de escolas públicas e particulares de São Paulo.

A elaboração de referenciais normativos do Pfister para crianças de 6 a 10 anos foi, por fim, desenvolvido como tese de Doutorado de Farah (2010), reunindo as evidências de validade para a utilização do Teste de Pfister para essa faixa etária, a partir de amostra com 200 crianças. Foi utilizado o Teste HTP para examinar sinais de validade, verificando-se a convergência dos achados entre Pfister e a produção gráfica. Recorrendo à comparação de resultados de frequência das escolhas cromáticas do Pfister (teste *t* de *Student*) em função do sexo, a autora apontou que as meninas apresentaram maior frequência de violeta, enquanto que os meninos apresentaram maior frequência de verde. Com relação à idade, o vermelho apresentou frequência decrescente dos 6 aos 10 anos, e o preto aumentou. No estudo de validade convergente, o Pfister e o HTP apresentaram índices favoráveis, isto é, o grupo menos estável no HTP apresentou aumento significativo na dupla de cores vermelho e marrom. Farah (2010) ainda realizou estudo de precisão do Teste de Pfister com sua amostra de crianças, sorteando 50 crianças entre as 200 de sua amostra. O aspecto formal das pirâmides construídas por esse subgrupo de crianças foi classificado, às cegas, pela

pesquisadora e por um segundo avaliador. Chegou-se a uma concordância entre avaliadores de 88%, atestando a adequada fidedignidade desse método projetivo de avaliação psicológica.

Nessa tentativa de circunscrever as investigações que utilizaram a técnica de Pfister, pode-se verificar a carência de estudos normativos a respeito da adolescência. O único estudo encontrado que envolvia a adolescência foi o de Adib (2008), em dissertação de Mestrado. Este trabalho avaliou 289 adolescentes, pelo Inventário Beck de Depressão, na faixa etária de 14 a 19 anos. Desse total, 50 adolescentes foram avaliados pelo Pfister, subdivididos em dois grupos, com e sem sintomas de depressão. Os resultados obtidos foram comparados, em termos de frequência média das cores escolhidas (a partir do teste *t* de *Student*), encontrando-se maior frequência das cores cinza e marrom no grupo com sintomas depressivos. Entretanto, a especificidade do diagnóstico da depressão por meio do Pfister mostrou-se baixa (7%), sugerindo a necessidade de mais estudos com a população de adolescentes.

O VI Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos acontecido em Agosto de 2012, trouxe algumas informações adicionais a respeito do Teste de Pfister. A pesquisa desenvolvida por Villemor-Amaral, Biasi, Pavan, Migoranci e Tavela (2012) utilizou os dados das 85 crianças de 6 e 12 anos, de ambos os sexos, examinadas também no artigo publicado por esse grupo (Villemor-Amaral, Pandini, Tavela, Biasi e Migoranci, 2012), porém numa perspectiva mais circunscrita de examinar se o Pfister seria sensível às diferenças de maturidade cognitiva em cada uma dessas idades examinadas. Observou-se o aumento das cores preta e branca nas crianças de 12 anos, bem como a diminuição do amarelo, podendo significar a diminuição da espontaneidade. As crianças de 6 anos apresentaram maior frequência de tapetes furados e desequilibrados, enquanto que as de 12 anos tiveram maior frequência de formações, sugerindo maturidade cognitiva esperada nesse subgrupo. Considerou-se, assim, que o Pfister apresentou evidências de validade, ao se mostrar sensível na diferenciação desses momentos do desenvolvimento infantil.

Percebe-se, então, ampla possibilidade de estudos com o Teste de Pfister, principalmente no que diz respeito à adolescência, pouco investigada até o momento por meio desse instrumento. Dentre as vertentes possíveis de pesquisa, faz-se necessária a elaboração de parâmetros de desempenho para grupos de referência no Teste de Pfister, sobretudo no período da adolescência, dadas às características peculiares desta etapa do desenvolvimento, merecedoras de investigação específica. Particularmente, nessa técnica projetiva em foco, que permite acesso a características de personalidade e compreensão dinâmica do funcionamento psíquico do indivíduo, estudos normativos possibilitam a verificação empírica da adequação

dos padrões de comparação utilizados nas avaliações clínicas, aspecto essencial para embasar sua utilidade na prática profissional.

Ao delinear esse panorama de estudos até a presente data, ficou clara a ausência de trabalhos normativos para a faixa etária de 12 a 14 anos com o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. Diante dessa realidade, o foco da presente investigação científica foi a avaliação do desempenho típico de adolescentes no Teste de Pfister. Esse estudo também pretendeu verificar possível efeito de variáveis como idade, sexo e origem escolar nos padrões de resposta ao instrumento, oferecendo subsídios para aprimoramento de sua utilização na prática profissional do psicólogo brasileiro.





## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral**

O objetivo central desse trabalho foi elaborar padrões normativos do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister para adolescentes, focalizando-se a faixa etária de 12 a 14 anos. Visou, assim, pesquisar um dos aspectos técnicos que subsidiam a adequada utilização clínica desse instrumento projetivo de avaliação psicológica, contribuindo para seu aprimoramento técnico no contexto nacional.

### **2.2. Específicos**

**2.2.1.** Estudar eventual especificidade na distribuição das variáveis do Teste de Pfister em adolescentes de 12 a 14 anos, em função do sexo e da idade.

**2.2.2.** Verificar possível associação da variável origem escolar (pública X particular) com os resultados de adolescentes de 12 a 14 anos na técnica de Pfister.

**2.2.3.** Examinar os resultados normativos de adolescentes de 12 a 14 anos no Pfister comparativamente a normas de adolescentes de 12 a 14 anos de estudo anterior (F. Villemor Amaral, 1978) e a normas existentes com adultos não-pacientes (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012).



### 3. MÉTODO

Esse trabalho caracteriza-se como um estudo transversal e descritivo de grupo de indivíduos, pautado em uma perspectiva quantitativa e interpretativa de resultados advindos de instrumentos de avaliação psicológica.

#### 3.1. Participantes

A amostra desse estudo foi composta por 180 adolescentes na faixa etária de 12 a 14 anos, de escolas públicas e particulares de Ribeirão Preto (SP), equitativamente distribuídos em função do sexo e de cada ano de idade. Trata-se de amostra numericamente suficiente para subsidiar as análises almejadas, embora tenha se constituído por conveniência e viabilidade prática. A caracterização dos participantes está apresentada na Tabela 1.

**Tabela 1:** Caracterização da amostra ( $n = 180$ ) em função de idade, sexo e origem escolar dos participantes.

Sexo	Escola Pública		Escola Particular		Total
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	
<b>Idade</b>					
12 anos	15	15	15	15	60
13 anos	15	15	15	15	60
14 anos	15	15	15	15	60
<b>Total</b>	45	45	45	45	180

Foram incluídos no estudo os adolescentes das escolas colaboradoras (compondo amostra de conveniência) desde que: voluntários ao estudo, na faixa de 12 a 14 anos de idade, e que preenchessem os critérios do perfil para uma amostra normativa: a) ter autorização formal de seus pais ou responsáveis para a pesquisa; b) estar cursando o ano escolar correspondente a sua idade cronológica (não ter atraso acadêmico); c) não evidenciar, a partir de informações de seus pais ou responsáveis (questionário específico), tratamento psicológico

e/ou psiquiátrico no último ano de vida, com relato de indicadores de desenvolvimento típico para sua faixa etária; d) obter resultado no Teste de Inteligência Não Verbal (INV – forma C) classificado, minimamente, como percentil 25 (inteligência médio-inferior).

Considerou-se relevante, nesse momento, caracterizar os adolescentes avaliados em função de seus resultados no Teste de Inteligência Não-Verbal (INV – forma C). Estes dados estão presentes na Tabela 2.

**Tabela 2:** Distribuição dos adolescentes ( $n=180$ ) em função de seus resultados (em percentis) no Teste de Inteligência Não-Verbal (INV – Forma C).

INV – forma C		Número de Adolescentes	
Resultados (em percentis)	Nível de desempenho *	Frequência simples	Soma por nível de desempenho (frequência simples e porcentagem)
25 < P < 30	III -	2	18 (10,0%)
30 ≤ P < 40		1	
P = 40		10	
40 < P < 50	III+	5	76 (42,2%)
P = 50		13	
50 < P < 60		13	
P = 60		20	
60 < P < 70		11	
P = 70	II	15	59 (32,8%)
70 < P < 75		4	
P = 75		9	
75 < P < 80	II+	9	15 (8,3%)
P = 80		12	
80 < P < 90		29	
P = 90	I	7	12 (6,7%)
90 < P < 95		8	
P = 95		9	
95 < P < 99	I	2	12 (6,7%)
P = 99		1	

\*Classificado conforme Tabela Raven (Angelini, Alves, Custódio, Duarte & Duarte, 1999).

Cabe destacar aqui que nenhum dos estudantes avaliados para o presente estudo, por meio do INV (Forma C), obteve resultado inferior ao percentil 25. Portanto, não foi necessária a exclusão de qualquer voluntário em decorrência do fator desempenho cognitivo.

Além dos dados principais relativos ao resultado na avaliação cognitiva dos adolescentes desse estudo, considerou-se necessário, nesse momento, descrever o percurso amostral efetivado no presente trabalho até se chegar aos casos efetivamente avaliados. A Tabela 3 sistematiza, de forma didática, esses dados, que serão posteriormente detalhados nos procedimentos relativos à coleta de dados.

**Tabela 3:** *Percurso amostral da pesquisa em função do tipo de instituição escolar (pública ou particular).*

Estudantes	Escolas Públicas (n = 2)			Escolas Particulares (n = 4)			TOTAL
	M*	F*	Subtotal	M*	F*	Subtotal	
Convidados			520			295 **	815
Autorizados	52	72	124	48	58	106	230
Selecionados	46	65	111	45	55	100	211
Excluídos	6	7	13	3	3	6	19
Avaliados	45	45	90	45	45	90	180

\* M = sexo masculino; F= sexo feminino.

\*\*As salas das escolas particulares tinham menos alunos e muitos se recusavam a levar o envelope com a explicação e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa para casa, resultando em menor número de convidados.

Do conjunto de 230 alunos que manifestaram interesse em participar, 130 eram do sexo feminino e 100 do sexo masculino, demonstrando maior adesão dos estudantes do sexo feminino. Devido aos critérios de seleção, 19 alunos tiveram que ser excluídos (11 casos devido a atraso acadêmico, sete casos por estarem em atendimento psicológico e um caso por ter ultrapassado a idade em estudo). A condição de que a aplicação dos instrumentos deveria ocorrer apenas durante as aulas de Educação Física ou durante aula de Artes foi um obstáculo importante no processo de coleta de dados em duas instituições, uma pública e uma particular, mas que com a devida estruturação da pesquisadora pode ser superado.

Julga-se relevante, nesse momento, também detalhar as informações referentes ao processo de coleta de dados nas escolas, dadas as dificuldades nele vivenciadas. Foram convidados a participar do estudo aproximadamente 520 alunos das duas instituições de

ensino público, e ainda 295 alunos das quatro instituições particulares. Em todas as escolas foi entregue aos estudantes o material inicial da pesquisa (carta explicativa, TCLE e questionário para pais), contido em envelopes. Nas instituições públicas, houve retorno de 124 envelopes com os documentos preenchidos, ou seja, uma taxa de adesão à pesquisa de aproximadamente 23%. Já nas escolas particulares houve retorno de 106 envelopes, representando uma taxa de adesão de aproximadamente 34% dos casos. Calculando a média de adesão em escolas públicas e particulares chegou-se ao valor aproximado de 28%. Vale ressaltar que, apesar do índice de adesão ao estudo se mostrar maior nas instituições particulares, muitos dos alunos recusaram-se a levar para suas casas os convites, sendo que este número inicial de recusas dos adolescentes (nas salas de aula, perante o primeiro contato com a pesquisadora) não foi contabilizado nesses cálculos de taxa de adesão ao estudo.

No final do processo de seleção dos participantes, a pesquisadora conseguiu 211 possíveis participantes. No entanto, apenas 180 foram efetivamente avaliados, como era previsto no projeto. Conforme os casos eram agendados e avaliados, a pesquisadora explicava cuidadosamente aos voluntários o limite prático da viabilidade das avaliações, deixando de incluir nas análises os demais 31 casos autorizados, visto que os subgrupos já estavam completos. Outro aspecto que influenciou esta decisão foi o fato de que apenas um voluntário selecionado (e não avaliado) era do sexo masculino, sendo o restante do grupo feminino, o que poderia deixar a amostra desequilibrada, havendo uma preocupação com equidade de cada subgrupo de sexo a ser investigado. Apesar desses cuidados técnicos na pesquisa, cumpre informar que, para respeitar o cuidado ético com os estudantes, nove desses 31 voluntários excedentes foram examinados (embora não incluídos na amostra, como referido), devido sua requisição e interesse em participar da pesquisa, enquanto o restante compreendeu que o estudo estava finalizado, sentindo-se satisfeitos com essa orientação.

Pode-se afirmar que os adolescentes que se apresentaram como voluntários a esse estudo evidenciaram, dentro das informações coletadas, indicadores de adequado acompanhamento do sistema educacional em vigor na rede pública e particular do ensino fundamental, visto que estão cursando a série esperada para sua idade, sem evidência de atraso escolar ou déficit intelectual. A partir desses sinais, considerou-se apropriada sua colaboração como voluntários para um estudo de elaboração de padrões normativos para um instrumento de avaliação psicológica, como pretendido no presente trabalho.

## **3.2. Materiais**

### **3.2.1. Carta de apresentação da pesquisa**

Foi entregue uma Carta de Apresentação (APÊNDICE **A1**) desta pesquisa à direção das escolas públicas selecionadas (por viabilidade prática e acessibilidade para o processo de coleta de dados) como possíveis locais para coleta de dados. Essa carta informava sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos que seriam adotados e o espaço que seria adequado para esses fins. Dessa maneira, o diretor da instituição de ensino esteve devidamente informado para decidir sobre sua colaboração com a pesquisa, podendo permitir a inserção da pesquisadora na instituição educacional.

### **3.2.2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Foi apresentado aos pais ou responsáveis dos interessados em participar do estudo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE **B1**), sendo que este deveria ser formalmente avaliado e assinado pelos mesmos antes do início de coleta de dados. Esse TCLE apresentava, de forma resumida, os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam adotados no estudo. Ainda constava, nesse documento, a informação de que seria garantido o sigilo quanto à identidade dos participantes, e também a informação de que poderiam desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhes trouxesse qualquer ônus.

### **3.2.3. Questionário informativo sobre histórico pessoal**

O questionário informativo sobre histórico pessoal (APÊNDICE **C1**) buscou levantar informações sobre o desenvolvimento pessoal e acadêmico do voluntário, tornando possível a identificação de variáveis que poderiam servir como fator de seleção dos participantes, com eventual exclusão da amostra. Esse questionário foi preenchido pelos pais ou responsáveis do

participante, sendo utilizado como informação relevante para o processo de seleção dos voluntários por parte da pesquisadora.

#### **3.2.4. Teste de inteligência não verbal (INV – forma C)**

O Teste de Inteligência Não Verbal (INV) foi criado no Brasil, em 1971, por Pierre Weil e Eva Nick (Weil & Nick, 1971), para fins de pesquisa e diagnóstico, destinando-se à avaliação do desenvolvimento intelectual. Em sua Forma C, o teste conta com 60 itens e mais quatro exemplos iniciais. Compõe-se de um caderno de aplicação, a folha de rosto com os exemplos e o crivo de avaliação das respostas. Em cada uma das cinco páginas do caderno de aplicação existem 12 itens, devendo ser apurado o total de acertos. Sua aplicação, na Forma C, abrange todas as idades a partir do sexto ano de vida, sendo de rápida aplicação e avaliação. Para o presente estudo, os dados normativos de Weil e Nick (1971) foram utilizados para classificação dos resultados dos adolescentes avaliados, visto não se dispor, até o momento, de referenciais mais atualizados de análise.

O Teste INV foi objeto do estudo de Lopes (2009), onde buscou atualizar os parâmetros psicométricos desse teste, investigando uma amostra de crianças da região de Belo Horizonte (MG). Conseguiu demonstrar adequados índices de validade e de precisão do instrumento no contexto brasileiro atual, reforçando as possibilidades de uso desse teste psicológico para avaliação intelectual em termos globais.

#### **3.2.5. Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister**

O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister constitui-se como um método projetivo de avaliação psicológica que foi elaborado por Max Pfister na década de 1940, avaliando aspectos cognitivos e afetivos dos indivíduos. Embora possua diferentes versões técnicas, o material é basicamente composto de vários quadriculos coloridos, sendo que, na versão autorizada para uso no Brasil (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012), possui dez cores subdivididas em 24 tonalidades, três cartelas contendo o esquema de uma pirâmide quadriculada, folha de protocolo individual e um mostruário de cores. Possui indicação



técnica para ser aplicado a partir de sete anos até a velhice, desde que preservadas as condições adequadas de visão e mínima coordenação psicomotora do respondente. Os aspectos afetivos são prioritariamente avaliados por meio de indicadores técnicos como frequência de cores, síndromes e fórmula cromáticas, enquanto os aspectos cognitivos podem ser verificados por meio de aspectos formais e estruturais das pirâmides, embora os resultados sejam compostos numa avaliação integrada do conjunto de sinais técnicos do Pfister.

Em termos práticos, a aplicação do Teste de Pfister deve ser individual, antecedida por informação a respeito dos propósitos da avaliação psicológica, estabelecendo-se adequado contato inicial. A prova, geralmente, não dura mais que 15 minutos. O aplicador mostra os quadriculos coloridos, de diversas tonalidades, e a primeira das três cartelas com o esquema de uma pirâmide e solicita que o indivíduo preencha todos os quadrados que formam a pirâmide com os quadriculos coloridos, de modo que essa pirâmide fique bonita, para o gosto dele. Em seguida, repete o mesmo procedimento com as outras duas cartelas. No final, o aplicador realiza um pequeno inquérito, pedindo que o indivíduo diga qual das pirâmides acha mais bonita, menos bonita e qual das cores acha mais bonita e menos bonita, no teste e na vida cotidiana.

Os estudos empíricos brasileiros realizados com o Teste de Pfister estão apresentados, em termos sintéticos, no manual desse método projetivo de avaliação psicológica (A. E. Villemor-Amaral, 2005) e em sua versão mais atualizada e revisada (A.E. Villemor-Amaral, 2012). Nesse manual constam os adequados parâmetros psicométricos que o instrumento evidenciou no contexto nacional, bem como as normas avaliativas para adultos. No presente trabalho, as orientações técnicas desse referido manual foram seguidas para aplicação, avaliação e interpretação dos resultados do Pfister. Também foram utilizados os parâmetros elaborados por F. Villemor-Amaral para adolescentes da década de 1970 (F. Villemor-Amaral, 1978), para comparação estatística com os dados coletados no presente trabalho.

### **3.3. Procedimentos**

#### **3.3.1. Aspectos Éticos**

Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (Processo

CEP-FFCLRP nº 545/2010-2010.1.2249.59.8). O comprovante referente à aprovação encontra-se no ANEXO 1.

Os pais ou responsáveis de cada estudante voluntário, após os devidos esclarecimentos, assinaram o TCLE, consentindo, juntamente com o adolescente, para a realização da pesquisa. Os participantes foram assegurados sobre os aspectos éticos do estudo, como a confidencialidade a respeito da identidade dos participantes, da possibilidade de desistência a qualquer momento, entre outros. Ficou acertado com as escolas colaboradoras que, ao fim do estudo, seria feito um relatório sintético a respeito dos resultados encontrados e transmitido à escola em forma de palestra aos estudantes e professores. Apesar do acerto inicial, as escolas satisfizeram-se com a entrega dos relatórios sintéticos, colocando a falta dos pais em reuniões como um impedimento do alcance dos objetivos da palestra. No que se refere a possível encaminhamento de casos identificados como clínicos, ficou firmado com as escolas que, se houvesse necessidade de intervenção psicológica a partir dos dados coletados, realizar-se-ia esse procedimento. No entanto, dentro dos resultados encontrados, não houve necessidade de encaminhar nenhum adolescente avaliado para tratamento psicológico. Os avaliados estavam dentro do perfil da amostra normativa, o que se confirmou também na aplicação, correção e interpretação geral dos instrumentos aqui utilizados.

### **3.3.2. Coleta de Dados**

Após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa fez-se o contato telefônico com coordenadores de instituições de ensino fundamental da cidade de Ribeirão Preto (SP), procurando agendar a apresentação do atual estudo e verificar se o estabelecimento de ensino teria interesse e possibilidade de colaborar com essa pesquisa. Concedida a aprovação da instituição educacional para o estudo, passava-se à fase de contato direto com as turmas de alunos da faixa etária do estudo (12 a 14 anos).

Desse modo, foi realizada a visita em cada sala de aula das escolas colaboradoras que continham estudantes da idade em estudo (correspondendo às turmas de 6a., 7a. e 8a. séries), explicando sucintamente o projeto aos alunos e entregando aos interessados (voluntários) um envelope contendo duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um Questionário Informativo Sobre Histórico Pessoal. Pediu-se aos alunos que estivessem interessados em participar da pesquisa que apresentassem os envelopes aos seus pais ou

responsáveis, para que pudessem examinar a proposta e, em concordando com a mesma, assinassem os TCLE e preenchessem o questionário. A pesquisadora agendava com os alunos um dia para recolher os envelopes. Os questionários eram então analisados, a fim de se verificar se os critérios de seleção de voluntários estavam atendidos.

A pesquisadora comparecia à escola no período de aulas e buscava, em suas respectivas salas de aula e em acordo prévio com os professores, os alunos voluntários, individualmente, para a aplicação dos instrumentos Teste de Inteligência Não-Verbal – INV Forma-C e Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, nessa ordem. Os adolescentes foram avaliados individualmente, em local reservado da própria instituição escolar, apropriado para este tipo de atividade, disponibilizado para a pesquisa. O processo de coleta de dados ocorreu durante o ano de 2011, sendo concluído no mês de Novembro do referido ano.

O processo de coleta de dados foi realizado pela pesquisadora em parceria com uma graduanda em Psicologia (Dayane Rattis Theodozio) com bolsa de Iniciação Científica FAPESP (Processo: 2010/16992-4), na época colega do grupo de pesquisa, sob mesma orientação docente. Essa colaboradora ficou responsável principalmente pela coleta de dados nas escolas públicas de ensino, enquanto a Mestranda ficou encarregada de cuidar dos contatos e das aplicações nas escolas particulares, no geral de maior complexidade de acesso na prática cotidiana da pesquisa.

Para a coleta de dados nas escolas públicas foram contatadas duas instituições escolares que aceitaram a proposta, permitindo completar a amostra pretendida neste contexto (90 adolescentes). Para tanto, foi necessário entregar nas turmas de alunos aproximadamente 650 Questionários de Histórico Pessoal e 1.300 Termos de Consentimento (pois eram entregues em duas vias).

Nas escolas particulares, houve maior dificuldade no acesso às turmas de alunos, visto que de sete escolas visitadas apenas quatro autorizaram o acontecimento da pesquisa na instituição. Assim como a direção das escolas, os adolescentes das escolas particulares também tendiam a ser resistentes à participação no estudo, afirmando já terem colaborado recentemente com outras pesquisas, recusando-se a levar o envelope de convite ao estudo para suas casas. Contudo, ao receber a autorização da direção educacional, a pesquisadora seguiu os mesmos passos realizados nas escolas públicas, visitando cada sala de aula das 6as., 7as. e 8as. séries.

### 3.3.3. Análise dos resultados

Desde Janeiro de 2011, um banco de dados computacional foi elaborado em planilha do programa *Microsoft Excel 2007*, permitindo o registro sistemático dos resultados encontrados no Teste INV-forma C e no Teste de Pfister, para posterior tratamento estatístico. Na medida em que acontecia a aplicação dos testes, os dados foram tabulados e classificados, segundo suas respectivas proposições técnicas, utilizando-se do manual do Pfister elaborado por A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012) e do manual do INV – forma C publicado por Weil e Nick (1971). Finalizada a digitação de todos os dados, deu-se início às análises estatísticas descritivas e inferenciais dos resultados específicos do Teste de Pfister.

Vale esclarecer que o banco de dados foi construído destacando-se as variáveis demográficas essenciais do estudo, a saber: sexo, idade e origem escolar, com o específico número de protocolo para essa pesquisa, além dos indicadores do INV-forma C e do Teste de Pfister. Os demais dados advindos do histórico pessoal do participante foram utilizados apenas inicialmente, para o processo de seleção dos eventuais voluntários, preservando-se o compromisso de sigilo profissional para com o conjunto das informações.

A análise dos resultados no Teste de Pfister envolve a quantificação da frequência das cores dos quadrículos e das síndromes cromáticas, assim como a classificação do processo de execução adotado pelo participante na construção da pirâmide, do modo de colocação dos quadrículos, do aspecto formal de cada uma das três pirâmides, além da fórmula cromática (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012). Os resultados da Técnica de Pfister foram analisados descritivamente (média, desvio-padrão, mediana, valor mínimo e máximo) e inferencialmente, tendo por base as variáveis: frequência das cores e das síndromes cromáticas, o modo de colocação e execução das pirâmides, aspecto formal das pirâmides e a classificação das fórmulas cromáticas em função da amplitude e da variabilidade das escolhas cromáticas.

Na análise estatística inferencial empregou-se a análise de variância (ANOVA *one way*) para examinar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre os resultados médios nas cores e síndromes cromáticas do Pfister em função do sexo, da idade e da origem escolar da atual amostra. O teste qui-quadrado foi utilizado, por sua vez, para verificar possíveis diferenças significativas associadas ao sexo, à idade e à origem escolar, no tocante às classificações das fórmulas cromáticas e dos aspectos formais das pirâmides do Pfister dos adolescentes.

Com objetivo de averiguar a possível significância estatística das diferenças entre resultados médios das freqüência das cores e das síndromes cromáticas do grupo aqui estudado, em relação à amostra de adolescentes de 1978 (F. Villemor-Amaral, 1978) e também em relação à amostra de adultos (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012), empregou-se o teste *t* de *Student*.

O nível de significância utilizado em todas as análises estatísticas inferenciais foi menor ou igual a 0,05.



## 4. RESULTADOS

Os dados apresentados centram-se no Teste de Pfister, foco da presente investigação. Serão aqui sistematizados de forma inicialmente descritiva (frequência em porcentagem, com valores de: média, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, percentil 25, mediana e percentil 75), aglutinando-se, quando possível, as devidas análises comparativas de natureza inferencial, conforme descrito nos procedimentos. Serão abordados primeiro os resultados globais dos adolescentes de 12 a 14 anos (n=180) no Teste de Pfister, seguidos depois das análises relativas a sua possível associação com as variáveis sexo, idade e procedência escolar. Por fim, serão focalizadas as análises comparativas dos atuais achados em relação aos parâmetros normativos de adolescentes brasileiros de 1978 e de adultos não-pacientes.

### 4.1. Perfil geral de resultados no Pfister

Serão apresentados aqui, os dados normativos gerais colhidos, representando o objetivo inicial do estudo. Cada variável técnica do Pfister está exposta separadamente, a fim de detalhar seu significado, proporcionando uma maior compreensão. Ao final dessa seção de resultados (tópico 4.7), no entanto, será apresentada uma tabela normativa dos adolescentes no Pfister, como forma de sintetizar os conteúdos analisados anteriormente nesse trabalho, dando assim o referencial técnico dos padrões de resposta aqui obtidos.

Embora no manual de A.E. Villemor-Amaral (2005, 2012) não exista mais orientação relativa ao registro e à análise dos tempos de trabalho no Teste de Pfister, no presente estudo julgou-se interessante manter esse dado, para efeito de comparação com trabalhos anteriores sobre o tema, de modo a se ter indicadores relativos do ritmo de trabalho dos estudantes nesse instrumento de avaliação psicológica na atualidade. Assim, o primeiro dado bastante geral e relevante diz respeito ao tempo dispendido pelos adolescentes para construir cada uma das três pirâmides do Teste de Pfister. Esses resultados compõem a Tabela 4, que traz os tempos totais médios de produção, em segundos, de cada uma das três pirâmides, e seus respectivos desvios-padrão, valores mínimos e máximos.

**Tabela 4:** *Tempos totais (em segundos) de elaboração de cada uma das três pirâmides do Teste de Pfister pelos adolescentes (n=180).*

<b>Pirâmide</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
P I	141,23	55,51	47	308
P II	110,31	37,54	39	209
P III	105,73	41,24	42	270

Nota-se que os adolescentes, em termos gerais, gastaram cerca de pouco mais de dois minutos (em média) para a primeira pirâmide do Pfister, diminuindo este tempo médio a cada pirâmide. Apesar da grande variabilidade do tempo dispendido na tarefa, destaca-se a rapidez de execução da atividade proposta no Pfister. O tempo máximo dispendido aproximou-se de cinco minutos de trabalho, também apenas na primeira pirâmide, o que pode ser relativo ao contato inicial com o tipo de atividade proposto pela técnica. Embora a tarefa implique em escolhas cromáticas, nota-se que os adolescentes responderam com muita agilidade ao proposto, caracterizando, talvez, uma marca típica para sua produção nesse método projetivo de avaliação psicológica.

Ainda em termos de características gerais da produção dos adolescentes, a Tabela 5 apresenta os dados descritivos da frequência de cores do conjunto de adolescentes presentemente avaliados.

**Tabela 5:** *Resultados descritivos das cores (em porcentagem) utilizadas pelos adolescentes (n=180) no Teste de Pfister.*

<b>Cor</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Percentil 25</b>	<b>Mediana</b>	<b>Percentil 75</b>
Azul	18,6	9,0	0,0	53,3	13,3	17,8	22,2
Vermelho	15,0	6,9	0,0	33,4	11,1	15,5	20,0
Verde	15,7	8,4	0,0	46,7	8,9	16,5	20,0
Violeta	12,8	9,0	0,0	48,9	6,7	13,3	17,8
Laranja	7,0	5,5	0,0	35,6	2,2	6,7	8,9
Amarelo	8,7	6,3	0,0	33,4	4,4	8,9	11,1
Marrom	3,0	3,9	0,0	22,2	0,0	2,2	4,4
Preto	6,9	8,1	0,0	46,7	2,2	4,4	8,9
Branco	8,9	7,8	0,0	48,9	4,4	6,7	11,1
Cinza	2,8	3,4	0,0	24,4	0,0	2,2	4,4



Nota-se que o azul foi a cor que teve a média mais alta de escolhas, seguido pelas cores verde, vermelho e violeta. Logo após, em sequência decrescente, tem-se: branco, amarelo, laranja, preto, marrom e, por último, o cinza.

Ainda para caracterizar o grupo de adolescentes estudados, fez-se a estatística descritiva dos valores das síndromes cromáticas, novamente expressos em porcentagem, de acordo com a padronização do instrumento (A.E. Villemor-Amaral, 2005, 2012). As síndromes cromáticas são constituídas pelas somas das frequências de cores que têm significados quando aparecem em conjunto. Sendo assim, tem-se cinco síndromes principais: normal (azul + vermelho + verde), estímulo (vermelho + amarelo + laranja), fria (azul + verde + violeta), incolor (preto + branco + cinza) e dinamismo (verde + amarelo + marrom). A Tabela 6 apresenta esses achados.

**Tabela 6:** Estatística descritiva (em porcentagem) das cinco principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister nos adolescentes ( $n=180$ ).

Síndrome	Média	DP	Mínimo	Máximo	Percentil 25	Mediana	Percentil 75
Normal	49,5	11,7	8,8	80,1	44,4	51,0	55,6
Estímulo	30,8	10,7	0,0	68,9	26,6	31,1	37,7
Fria	47,2	13,6	0,0	91,2	42,2	46,7	53,3
Incolor	18,7	12,5	0,0	71,2	11,1	16,6	24,0
Dinamismo	27,6	10,9	0,0	66,8	22,2	28,8	33,3

Com maiores porcentagens médias tem-se as síndromes normal e fria, seguidas pelas síndromes estímulo, dinamismo e incolor. Percebe-se que as síndromes estímulo, fria, dinamismo e incolor atingiram, em alguns casos, valor mínimo de zero. Esse dado demonstra que houve protocolos (embora poucos) em que as três cores de cada uma das síndromes não foram utilizadas pelos adolescentes desse estudo, apontando marcador relevante a ser examinado de modo reflexivo em seus possíveis significados clínicos.

A literatura científica sobre o Teste de Pfister comenta, no entanto, que um desvio da síndrome cromática em relação ao referencial normativo só permite adequada interpretação clínica quando se examina também as alterações ocorridas nas cores que compõem aquela síndrome (F. Villemor-Amaral, 1978). Assim, por exemplo, o sentido interpretativo de elevação da síndrome normal só poderia ser devidamente atribuído quando suas três cores

(verde, vermelho e azul) estivessem também elevadas. Essa lógica seria aplicada a qualquer outro desvio nas síndromes, quer na direção de aumento ou de rebaixamento dos valores em relação ao referencial normativo utilizado.

Com base nesse cuidado metodológico, procurou-se aqui verificar os desvios das cores que compõem cada síndrome cromática, utilizando-se como parâmetro normativo os próprios dados encontrados com o conjunto total de adolescentes. Fez-se, então, uma contagem da distribuição dos adolescentes em termos dos valores encontrados em suas síndromes cromáticas, classificando-os em “acima da média”, na “média” ou “abaixo da média”, considerando o intervalo entre Percentil 25 e 75 como o intervalo normativo. Em seguida, contabilizou-se os desvios (acima, média ou abaixo) de cada cor das síndromes cromáticas dos adolescentes, também se considerando o intervalo entre Percentil 25 e 75 como o intervalo normativo. Esses dados estão estruturados na Tabela 7.

**Tabela 7:** *Distribuição dos adolescentes (n=180) em função dos referenciais normativos encontrados para as síndromes cromáticas do Teste de Pfister e suas cores componentes (com respectivos desvios em relação à norma).*

SÍNDROME	Posição em relação à norma	No. casos	Cores e seus desvios	f	%	
Síndrome Normal	Acima da Média	44	1 cor	16	36,4	
			2 cores	26	59,1	
			3 cores	2	4,5	
	Média	95	zero	11	11,6	
			1 cor	14	14,7	
			2 cores	18	18,9	
	Abaixo da média	41	3 cores	52	54,7	
			1 cor	14	34,1	
			2 cores	23	56,1	
	Síndrome Estímulo	Acima da Média	40	3 cores	4	9,8
				1 cor	8	20,0
				2 cores	26	65,0
Média		99	3 cores	6	15,0	
			zero	10	10,1	
			1 cor	18	18,2	
Abaixo da média		41	2 cores	24	24,2	
			3 cores	47	47,5	
			1 cor	6	14,6	
			2 cores	27	65,9	
			3 cores	8	19,5	

<b>SÍNDROME</b>	<b>Posição em relação à norma</b>	<b>No. casos</b>	<b>Cores e seus desvios</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
<b>Síndrome Fria</b>	Acima da Média	39	1 cor	8	20,5
			2 cores	28	71,8
			3 cores	3	7,7
	Média	100	zero	5	5,0
			1 cor	20	20,0
			2 cores	18	18,0
	Abaixo da média	41	3 cores	57	57,0
			1 cor	16	39,0
			2 cores	18	43,9
<b>Síndrome Incolor</b>	Acima da Média	45	3 cores	7	17,1
			1 cor	13	28,9
			2 cores	24	53,3
	Média	96	3 cores	8	17,8
			zero	5	5,2
			1 cor	7	7,3
	Abaixo da média	39	2 cores	39	40,6
			3 cores	45	46,9
			1 cor	1	2,6
<b>Síndrome Dinamismo</b>	Acima da Média	44	2 cores	19	48,7
			1 cor	14	31,8
			3 cores	10	22,7
	Média	93	zero	8	8,6
			1 cor	19	20,4
			2 cores	26	28,0
	Abaixo da média	43	3 cores	40	43,0
			1 cor	6	14,0
			2 cores	24	55,8
			3 cores	13	30,2

Esse tipo de análise permitiu uma visualização interessante dos processos internos de composição dos desvios em relação ao referencial normativo das síndromes cromáticas. Pode-se notar que quando essas síndromes se encontram dentro do parâmetro considerado médio (entre Percentil 25 e Percentil 75), a maior parte dos adolescentes também tem as cores daquela síndrome cromática em valores próximos à norma. Por outro lado, quando as síndromes cromáticas estão aumentadas ou diminuídas, a maior parte dos adolescentes apresenta suas porcentagens de escolhas cromáticas desviadas (aumento ou diminuição) em

até duas cores, sendo muito rara a alteração das três cores componentes da síndrome. Portanto, deve-se relativizar a exigência de que todas as cores componentes das síndromes cromáticas devam acompanhar o desvio da norma apresentado pela respectiva síndrome, embora esse dado qualitativo da direção e da intensidade dos desvios em relação aos parâmetros normativos deva ser levado em consideração para o adequado processo interpretativo dos dados do Pfister.

Segue-se, agora, a apresentação da frequência e da porcentagem dos aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes. Esses dados compõem a Tabela 8, distribuídos nos grupos de tapetes, formações e estruturas e em seus respectivos subtipos de construção, conforme manual dessa técnica projetiva.

**Tabela 8:** Distribuição das pirâmides do Pfister (em frequência simples e em porcentagem) construídas pelos adolescentes ( $n = 180$ ) em função dos aspectos formais.

				TOTAL	
ASPECTO FORMAL		f	%	f	%
<b>Tapete</b>	<b>Furado e/ou rasgado</b>	<b>190</b>	<b>35,2</b>	267	49,4
	Puro	28	5,2		
	Desequilibrado	4	0,7		
	Com início de ordem	45	8,3		
<b>Formação</b>	Em Camada Monotonal	8	1,5	197	36,5
	Em Camadas Monocromáticas	19	3,5		
	<b>Em Camadas Multicromáticas</b>	<b>104</b>	<b>19,3</b>		
	Alternada	23	4,3		
	Simétrica	43	8,0		
<b>Estrutura</b>	Em Escada	19	3,5	76	14,1
	Simétrica	20	3,7		
	Assimétrica Dinâmica	4	0,7		
	<b>Em manto</b>	<b>29</b>	<b>5,4</b>		
	Em mosaico	4	0,7		
TOTAL		540	100,0	540	100,0

Percebe-se, nessa na análise descritiva do aspecto formal da construção das pirâmides, que os adolescentes apresentaram maior frequência de Tapetes, depois as Camadas e, por fim, as Estruturas. Sinalizaram, portanto, evidências de elaboração pouco aprimorada em termos intelectuais, sugestiva de uma organização concreta do pensamento.

Independentemente do tipo de forma produzida, nota-se grande destaque para os Tapetes Furados (35,2% das pirâmides dos adolescentes) e da Formação em Camadas Multicromáticas (19,3% das pirâmides dos adolescentes). O tapete furado pode significar presença de perturbações afetivas, mas no que se refere a adolescentes, pode estar relacionado a questões das vivências turbulentas que podem ocorrer nessa fase, em diversos âmbitos de sua vida. Pode-se, portanto, inferir características de um funcionamento afetivo marcado por vivências de instabilidade por um lado (tapetes furados) e, complementarmente, tentativas de organização interna, a partir da elaboração de pirâmides em formação de camadas. Estas evidências, em princípio, pareceram consistentes com as marcas típicas do desenvolvimento afetivo teoricamente postulado para o período da adolescência.

Cabe ainda destacar as composições formais menos utilizadas pelos adolescentes. Foram elas: Tapete Desequilibrado (0,7%), Estrutura Assimétrica Dinâmica (0,7%) e Estrutura em Mosaico (0,7%). Novamente pareceram evidenciar características de uma organização lógica pautada pelo funcionamento concreto, associado a reduzidas expressões de natureza de intenso desequilíbrio psíquico (tapete desequilibrado), confirmando desenvolvimento típico para a fase desenvolvimental (confirmando critérios de seleção da amostra presentemente avaliada).

Outra variável do Teste de Pfister aqui analisada foi o processo de execução das pirâmides. Ela se refere ao modo como o indivíduo constrói o conjunto de suas três pirâmides e pode ser classificado em metódico, ordenado, desordenado ou relaxado. A frequência e a porcentagem desse indicador estão apresentadas na Tabela 9.

**Tabela 9:** *Distribuição dos processos de execução do Pfister (em frequência simples e em porcentagem) realizados pelos adolescentes (n = 180).*

Execução	f	%
Metódica	32	17,8
Ordenada	140	77,8
Desordenada	8	4,4
Relaxada	-	-
TOTAL	180	100,0

A maior presença de execução ordenada (77,8%) já era esperada nessa amostra, visto tratarem-se de adolescentes selecionados a partir de indicadores de desenvolvimento típico para sua idade. A ordem na composição das pirâmides do Pfister, embora não absoluta, sinaliza adequado funcionamento lógico dos adolescentes, respeitando convenções formais de seu contexto sociocultural. Percebe-se também certo rigor formal nos adolescentes, visto que a frequência no padrão de execução metódica (17,8%) ocorreu em boa parte desta amostra. A execução menos frequente foi a desordenada (4,4%), reforçando a adequada capacidade de vinculação dos adolescentes aos parâmetros lógicos de sua realidade imediata, como postulado por este indicador do Pfister.

A Fórmula Cromática foi outra variável do Teste de Pfister examinada nesse trabalho. Ela informa sobre o número de cores que entram ou deixam de entrar na composição das três pirâmides. Fez-se uma classificação nominal desta fórmula considerando-se seus dois componentes, conforme A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012): a amplitude de escolha de cores (classificada em ampla, moderada ou restrita) e a variabilidade das escolhas (classificada em constante, flexível ou lábil). A Tabela 10 traz a frequência simples e a porcentagem dessas classificações da Fórmula Cromática na amostra avaliada.

**Tabela 10:** *Classificação das fórmulas cromáticas (em frequência simples e porcentagem) dos adolescentes (n = 180) em função da amplitude e da variabilidade das escolhas.*

Classificação da Fórmula Cromática		f	%
<b>Amplitude</b>	Ampla	125	69,4
	Moderada	39	21,7
	Restrita	16	8,9
<b>Variabilidade</b>	Estável	31	17,2
	Flexível	100	55,6
	Instável	49	27,2

Quanto à Fórmula Cromática, os adolescentes avaliados apresentaram claro predomínio de produções no Pfister consideradas como Amplas (69,4%) e Flexíveis (55,6%), que pode representar facilidade para ajustamento e capacidade de ação para alcançar seus

objetivos. Por outro lado, a Fórmula Cromática menos frequente foi a do tipo Restrita e Estável, que pode sinalizar menor abertura aos estímulos e reduzida criatividade.

#### 4.2. Pfister em função do sexo

A seguir procurou-se apresentar análises de possível associação de algumas variáveis demográficas sobre os resultados no Pfister. Iniciou-se essa análise comparativa em função do sexo dos adolescentes avaliados, evidências apresentadas na Tabela 11, destacando-se em negrito aquelas com diferenças estatisticamente significativas.

**Tabela 11:** Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função do sexo dos adolescentes ( $n=180$ ).

Cor	Sexo	Média	Mínimo	Máximo	F	<i>p</i>
Azul	F	18,3	0,0	37,8	0,29	,589
	M	19,0	0,0	53,3		
Vermelho	F	15,7	0,0	31,2	1,49	,223
	M	14,4	0,0	33,4		
Verde	F	15,4	0,0	44,4	0,19	,666
	M	16,0	0,0	46,7		
<b>Violeta</b>	F	17,3	0,0	48,9	59,17	<b>,000</b>
	M	8,3	0,0	33,4		
Laranja	F	7,3	0,0	35,6	0,84	,360
	M	6,6	0,0	24,4		
Amarelo	F	8,2	0,0	22,2	0,96	,329
	M	9,2	0,0	33,4		
<b>Marrom</b>	F	2,4	0,0	13,3	5,53	<b>,020</b>
	M	3,7	0,0	22,2		
<b>Preto</b>	F	4,9	0,0	46,7	11,79	<b>,001</b>
	M	8,9	0,0	42,2		
<b>Branco</b>	F	7,4	0,0	37,8	6,83	<b>,010</b>
	M	10,4	0,0	48,9		
Cinza	F	2,3	0,0	8,9	3,14	,078
	M	3,2	0,0	24,4		

\*F= sexo feminino; M = sexo masculino.

Verifica-se que quatro cores (violeta, marrom, preto e branco) entre as dez do Teste de Pfister apresentaram diferença significativa entre os adolescentes do sexo feminino e masculino. De acordo com o manual de A. E. Villemor-Amaral (2012), a cor violeta, que apresentou valor significativamente maior nos protocolos de adolescentes do sexo feminino, pode demonstrar que os traços de ansiedade se destacam nesse subgrupo. Por outro lado, as escolhas das cores preto, branco e marrom foram significativamente maiores nos protocolos em adolescentes do sexo masculino, podendo significar, de forma generalizada, maior repressão e sinais de rigidez e controle psíquico nesse subgrupo.

Ao realizar a análise por tonalidades do violeta, verificou-se maior presença de Vi1 (lilás claro) no subgrupo feminino, porém apenas na Pirâmide 2 (de 80 quadrículos de Vi1 utilizados pelos adolescentes, 64% estavam no sub subgrupo feminino, resultando pela ANOVA, em  $p=,040$ ). Nas outras pirâmides, apesar de não haver diferença estatisticamente significativa, Vi1 foi sempre mais frequente no sexo feminino: na Pirâmide 1 = 69% dos 93 Vi1 utilizados; Pirâmide 3 = 64% dos 75 Vi1 utilizados. A forte presença de Vi1 no subgrupo feminino aponta que se deve pensar sobre a hipótese de uma preferência de gênero, que pode envolver mais a representação social do feminino do que sinal de personalidade ansiosa desse subgrupo de adolescentes. Entretanto, esse aspecto precisa ser explorado por outros estudos, ultrapassando as possibilidades informativas atuais.

Ao se examinar a possível associação entre as tonalidades do marrom (ma1 e ma2) com o sexo, não se obteve diferença estatisticamente significativa. Por sua vez, esse tipo de análise não coube com relação ao preto e ao branco, visto que não apresentam tonalidades.

Segue-se a análise da possível associação do sexo com as síndromes cromáticas do Teste de Pfister. A Tabela 12 contém estes resultados.

**Tabela 12:** Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função do sexo dos adolescentes ( $n=180$ ).

Síndrome	Sexo	Média	Mínimo	Máximo	F	P
Normal	F	49,5	16,5	80,1	0,00	,991
	M	49,5	8,8	73,4		
Estímulo	F	31,3	2,2	53,4	0,46	,500
	M	30,3	0,0	68,9		
<b>Fria</b>	F	51,1	24,4	91,2	15,70	<b>,000</b>
	M	43,4	0,0	79,9		
<b>Incolor</b>	F	14,7	0,0	48,9	20,07	<b>,000</b>
	M	22,7	0,0	71,1		
Dinamismo	F	26,1	0,0	57,8	3,07	,081
	M	29,0	0,0	66,8		

\* M = sexo masculino; F= sexo feminino.



Entre as principais síndromes cromáticas, duas (síndrome fria e a incolor) apresentaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo dos adolescentes. A síndrome fria (azul, verde e violeta) apresentou maior frequência no grupo feminino e a incolor (preto, branco e cinza) teve maior frequência entre os adolescentes do sexo masculino. Poder-se-ia pensar, em termos gerais, em marcas de predomínio de contenção afetiva no subgrupo feminino, enquanto o subgrupo masculino sinalizou necessidade de fuga de situações afetivas, a fim de manter seu equilíbrio interno.

Também se examinou a possível influência do sexo na variável Aspecto Formal do Teste de Pfister, por meio do Teste de Qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Na Tabela 13 pode-se visualizar os resultados da comparação estatística do conjunto de Tapetes, Formações e Estruturas realizados no total das três pirâmides (540 pirâmides) construídas pelos adolescentes, em função do seu sexo.

**Tabela 13:** *Comparação estatística dos aspectos formais das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes (n = 180).*

<b>Aspectos Formais</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>TOTAL</b>	<b><math>\chi^2</math></b>	<b>p</b>
Tapete	124	143	267		
Formação	109	88	197	3,643	<b>,162</b>
Estrutura	37	39	76		
<b>TOTAL</b>	<b>270</b>	<b>270</b>	<b>540</b>		

Ao se comparar os aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes em função do sexo, pode-se perceber que não há diferença estatisticamente significativa entre o total de Tapetes, Formações ou Estruturas. Entretanto, examinando apenas o total de Formações, observa-se que os adolescentes do sexo masculino apresentaram 109 pirâmides com este tipo de forma, enquanto que as adolescentes apresentam apenas 88 casos deste tipo. Portanto, depreende-se que foi maior a quantidade de Formações no subgrupo masculino, que são integrações intermediárias dos elementos formais da realidade. Por outro lado, as meninas apresentaram maior frequência simples de Tapetes (143), ao passo que os meninos fizeram apenas 124 Tapetes. Nesse tipo de constituição da pirâmide, o indivíduo preocupa-se com a escolha de cores de sua preferência, mas não integra forma ou princípio organizador dessas cores, sugerindo que o subgrupo feminino pareceu menos formalmente organizado que o masculino, no caso da presente amostra. Por fim, as Estruturas apareceram com resultados

semelhantes entre os sexos dos adolescentes, destacando-se apenas que eles pouco se utilizam de construções formais de natureza mais abstrata nessa etapa do desenvolvimento.

Ainda foi examinada a eventual associação do sexo no que se refere ao Processo de Execução das pirâmides do Pfister. A Tabela 14 traz os valores das frequências simples, divididas por sexo, das execuções Metódica, Ordenada e Desordenada, o resultado do Qui-quadrado e seu respectivo nível de significância.

**Tabela 14:** *Comparação estatística dos processos de execução das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes (n = 180).*

Execução	Masculino	Feminino	TOTAL	$\chi^2$	<i>p</i>
Metódica	9	23	32		
Ordenada	75	65	140	8,839	<b>,012</b>
Desordenada	6	2	8		
TOTAL	90	90	180		

Ao realizar essa análise percebe-se que há diferença estatisticamente significativa na frequência com que os adolescentes utilizaram as estratégias de execução metódica, ordenada e desordenada em suas construções das pirâmides. Notadamente o grupo, como um todo, privilegiou a construção ordenada, reafirmando a adequada organização lógica no processo de execução do teste. No entanto, algumas peculiaridades podem ser observadas, como a maior frequência de construção metódica no subgrupo feminino, revelando um comportamento organizado, tendendo para rigidez, visto que se trata de realizar a execução das três pirâmides usando o mesmo procedimento. Já o subgrupo masculino seguiu, maciçamente, a execução ordenada, denotando certa ordem ao executar o trabalho, mas permitindo flexibilidade, já que pode haver trocas e colocações diferentes.

Por fim realizou-se a análise do possível associação do sexo com os resultados da Fórmula Cromática do Pfister. Estes resultados compõem a Tabela 15, sendo que foram comparadas as frequências totais da amplitude (ampla, moderada e restrita) e variabilidade (estável, flexível e instável) das Fórmulas Cromáticas por meio do Teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ).

**Tabela 15:** Comparação estatística da amplitude e da variabilidade das fórmulas cromáticas das pirâmides do Pfister em função do sexo dos adolescentes ( $n = 180$ ).

Fórmula Cromática	Sexo		$\chi^2$	$p$	
	Feminino	Masculino			
<b>Amplitude</b>	Ampla	61	64	2,328	,312
	Moderada	23	16		
	Restrita	6	10		
<b>Variabilidade</b>	Estável	16	15	1,392	,499
	Flexível	53	47		
	Instável	21	28		

Percebe-se que não há diferenças estatisticamente significativas entre subgrupo feminino e masculino em relação à amplitude e à variabilidade das Fórmulas cromáticas. Os adolescentes apresentaram maior frequência de Fórmulas Cromáticas Amplas (no que se refere a amplitude) e Flexíveis (no que se refere a variabilidade). Esses dados sugerem satisfatório grau de abertura aos estímulos, mostrando indivíduos receptíveis e acessíveis no tocante às vivências afetivas. Quando se fala em variabilidade flexível, pode-se considerar que o resultado sinaliza capacidade de ajustamento e adaptação dos adolescentes avaliados ao seu ambiente imediato.

#### 4.3. Pfister em função da idade

Em sequência aos objetivos delineados para este trabalho, procurou-se investigar a possível associação da idade dos adolescentes aos padrões na produção do Teste de Pfister, resultados a seguir apresentados. Desse modo, na Tabela 16 consta a estatística descritiva das escolhas cromáticas dos subgrupos de 12, 13 e 14 anos e sua comparação estatística (*ANOVA*,  $p \leq 0,05$ ).

**Tabela 16** : Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função da idade dos adolescentes ( $n=180$ ).

Cor	Idade (em anos)	Média	D.P.	Mínimo	Máximo	F	p
Azul	12	18,4	8,12	0,0	46,6	0,04	,960
	13	18,9	9,17	0,0	42,2		
	14	18,6	9,88	0,0	53,3		
Vermelho	12	15,3	6,70	0,0	33,4	0,45	,635
	13	15,5	7,28	0,0	31,2		
	14	14,3	6,82	0,0	31,2		
Verde	12	15,3	7,76	0,0	46,7	0,12	,883
	13	16,0	8,43	0,0	40,0		
	14	15,8	9,28	0,0	44,4		
Violeta	12	13,2	8,85	0,0	48,9	0,13	,874
	13	12,9	9,60	0,0	40,0		
	14	12,3	8,88	0,0	37,8		
Laranja	12	7,0	4,66	0,0	24,4	0,02	,985
	13	7,0	5,26	0,0	20,0		
	14	6,9	6,54	0,0	35,6		
Amarelo	12	9,3	6,84	0,0	31,2	0,49	,611
	13	8,1	6,07	0,0	31,1		
	14	8,7	6,19	0,0	33,4		
Marrom	12	3,2	4,32	0,0	22,2	0,46	,632
	13	2,6	3,29	0,0	13,3		
	14	3,3	4,22	0,0	20,0		
Preto	12	6,4	7,19	0,0	40,0	0,29	,747
	13	6,9	9,23	0,0	42,2		
	14	7,5	7,91	0,0	46,7		
Branco	12	8,2	6,06	0,0	37,8	0,50	,608
	13	8,8	9,64	0,0	48,9		
	14	9,7	7,43	0,0	28,9		
Cinza	12	3,1	3,17	0,0	13,3	0,39	,680
	13	2,8	4,01	0,0	24,4		
	14	2,5	3,14	0,0	11,1		

Pode-se notar que não houve diferenças estatisticamente significativas nas porcentagens médias das cores utilizadas no Teste de Pfister em função da idade. Dessa forma, depreende-se que a faixa etária avaliada parece possuir um padrão de escolhas cromáticas bastante similar, não configurando especificidade de preferências em cada ano de idade aqui examinado.

Também se comparou estatisticamente as porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Pfister, em função das idades. Esses resultados compõem a Tabela 17.

**Tabela 17:** Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função da idade dos adolescentes ( $n=180$ ).

Síndrome	Idade (em anos)	Média	D.P.	Mínimo	Máximo	F	<i>p</i>
Normal	12	49,1	11,36	8,8	69,9	0,34	,715
	13	50,5	11,82	16,5	71,1		
	14	48,9	11,64	20,0	80,1		
Estímulo	12	31,7	11,66	0,0	68,9	0,39	,681
	13	30,7	11,24	0,0	60,0		
	14	30,0	9,34	0,0	46,6		
Fria	12	47,0	14,00	0,0	91,2	0,10	,905
	13	47,9	14,17	8,9	86,7		
	14	46,9	13,00	17,8	86,8		
Incolor	12	17,8	11,94	2,2	71,1	0,38	,684
	13	18,7	13,61	0,0	66,7		
	14	19,8	12,15	0,0	48,9		
Dinamismo	12	27,9	11,30	0,0	57,7	0,15	,859
	13	26,9	10,29	2,2	57,8		
	14	27,9	11,42	0,0	66,8		

Novamente não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre as porcentagens médias das síndromes cromáticas do Pfister em função do ano de idade dos adolescentes avaliados. Há um predomínio das síndromes normal e fria, como naturalmente ocorre no Pfister, mas se destaca a ausência de escolhas cromáticas da síndrome estímulo, visto que seu valor mínimo atingiu zero em alguns casos, o que merece a devida atenção no processo de compreensão de adolescentes dessa faixa etária.

A seguir tomou-se para análise os aspectos formais do Teste de Pfister em função da idade dos estudantes dessa amostra. Estes dados compõem a Tabela 18.

**Tabela 18:** Distribuição das pirâmides do Pfister em termos de aspectos formais e comparação estatística em função da idade dos adolescentes ( $n = 180$ ).

Aspectos Formais	Idade (em anos)			TOTAL	$\chi^2$	$p$
	12	13	14			
Tapete	105	77	85	267		
Formação	51	75	71	197	10,131	<b>,038</b>
Estrutura	24	28	24	76		
TOTAL	180	180	180	540		

Essa análise comparativa da distribuição dos tipos de pirâmides construídas pelos adolescentes mostrou-se significativamente ( $p = ,038$ ) associada ao ano de idade. Houve predomínio dos Tapetes, sobretudo aos 12 anos, enquanto as Formações foram mais comuns aos 13 e 14 anos, embora em menor frequência. Por fim, as Estruturas ocorreram em menor proporção, independentemente da idade dos adolescentes. Ao pensar no significado possível para esses dados tem-se a evidência de que, com o passar da idade, dentro da faixa etária examinada, sinalizou-se indicador de maior organização lógica, com o aparecimento mais intenso das Formações.

Por fim, foi examinada a eventual associação da idade dos estudantes no que se refere ao Processo de Execução das pirâmides do Pfister. A Tabela 19 mostra esses resultados.

**Tabela 19:** Comparação estatística dos processos de execução das pirâmides do Pfister em função da idade dos adolescentes ( $n = 180$ ).

Execução	Idade (em anos)			TOTAL	$\chi^2$	$p$
	12	13	14			
Metódica	10	15	7	32		
Ordenada	48	42	50	140	4,055	<b>,399</b>
Desordenada	2	3	3	8		
TOTAL	60	60	60	180		

A análise comparativa dos modos de execução das pirâmides construídas pelos adolescentes não se mostrou associada, de modo estatisticamente significativo, pela idade dos

estudantes. Houve claro predomínio do modo ordenado de trabalhar entre os adolescentes, evidenciando boa organização psíquica e lógica em seus processos de elaboração dos estímulos propostos.

Verificou-se também a associação da idade aos resultados da Fórmula Cromática do Pfister, comparando-se as frequências totais da amplitude (ampla, moderada e restrita) e variabilidade (estável, flexível e instável) por meio do Teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Esses resultados compõem a Tabela 20.

**Tabela 20:** *Comparação estatística da amplitude e da variabilidade das fórmulas cromáticas das pirâmides do Pfister em função da idade dos adolescentes (n = 180).*

Fórmula Cromática	Idade (em anos)			$\chi^2$	p	
	12	13	14			
Amplitude	Ampla	45	39	41	1,563	,815
	Moderada	11	15	13		
	Restrita	4	6	6		
Variabilidade	Estável	13	9	9	1,458	,834
	Flexível	32	35	33		
	Instável	15	16	18		

Nota-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os subgrupos etários no tocante à amplitude ou à variabilidade das fórmulas cromáticas do Pfister. Permaneceram as evidências de adequada abertura aos estímulos e adequação ao contexto, com maior frequência de Fórmulas Cromáticas Amplas (no que se refere a amplitude) e Flexíveis (no que se refere a variabilidade).

Em síntese, poder-se-ia apontar que os resultados empíricos analisados, até este momento, sugerem que a elaboração dos referenciais normativos do Pfister dos adolescentes de 12 a 14 anos não apresentaram sinais sugestivos de associação estatisticamente significativa com a idade. A faixa etária avaliada parece compor um grupo homogêneo em termos dos padrões de resposta a esse método projetivo, a partir dessa amostra de adolescentes provenientes de Ribeirão Preto (SP). Vale ressaltar que, apesar da amostra ser representativa de sua região, por abranger variados estilos individuais, tem-se que reconhecer o limite da generalização dos dados para o restante do país, exigindo investigações adicionais no futuro.

#### 4.4. Pfister em função da origem escolar

Para completar a sequência dos objetivos propostos para esse trabalho, foram realizadas as análises inferenciais para examinar possível associação da origem escolar na frequência de cores, síndromes, aspectos formais, execução e fórmula cromática nos resultados do Teste de Pfister nos adolescentes estudados.

Para atender a esse propósito, então, foi inicialmente elaborada a Tabela 21, contendo dados das escolhas cromáticas dos adolescentes de cada origem escolar (particular e pública), comparando as porcentagens médias desses subgrupos em cada uma das cores do Pfister. Os resultados com diferenças estatisticamente significativas foram destacados em negrito.

**Tabela 21:** Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das cores do Teste de Pfister em função da origem escolar dos adolescentes ( $n=180$ ).

Cor	Escola*	Média	D.P.	Mínimo	Máximo	F	<i>p</i>
<b>Azul</b>	Pa	20,8	10,4	0,0	53,3	10,48	<b>0,001</b>
	Pu	16,5	6,9	0,0	33,4		
Vermelho	Pa	14,6	7,5	0,0	31,2	0,57	0,450
	Pu	15,4	6,3	0,0	33,4		
<b>Verde</b>	Pa	14,3	9,1	0,0	46,7	4,89	<b>0,028</b>
	Pu	17,1	7,6	0,0	44,4		
Violeta	Pa	13,7	11,0	0,0	48,9	1,74	0,188
	Pu	11,9	6,5	0,0	33,4		
Laranja	Pa	7,2	6,9	0,0	35,6	0,40	0,528
	Pu	6,7	3,7	0,0	15,5		
Amarelo	Pa	8,3	6,6	0,0	31,2	0,92	0,339
	Pu	9,2	6,1	0,0	33,4		
Marrom	Pa	2,7	4,4	0,0	22,2	1,39	0,240
	Pu	3,4	3,5	0,0	20,0		
Preto	Pa	6,3	7,7	0,0	42,2	1,10	0,296
	Pu	7,6	8,5	0,0	46,7		
Branco	Pa	9,8	8,9	0,0	48,9	2,44	0,120
	Pu	8,0	6,4	0,0	37,8		
<b>Cinza</b>	Pa	1,9	3,6	0,0	24,4	13,86	<b>0,000</b>
	Pu	3,7	3,1	0,0	13,3		

\*Pa = escola particular; Pu = escola pública.



O azul apresentou incidência significativamente maior no subgrupo de escolas particulares, enquanto o verde e o cinza mostraram-se estatisticamente mais frequentes entre os alunos de escolas públicas. Nas demais cores do Pfister não foram detectadas diferenças estatisticamente significativas associadas à origem escolar dos adolescentes. Pensando-se em termos de possíveis significados para esses achados, tem-se que o azul representa a capacidade de controle racional e adaptação lógica, cor que se mostrou mais intensa nos estudantes de escolas particulares, sugerindo ênfase no funcionamento racional e formal nesse contexto sociocultural. Por outro lado, a maior incidência de verde e de cinza nos adolescentes de escolas públicas poderia sugerir maior valorização das interações sócio-afetivas e da empatia, além de indicar possível carência afetiva ou tendência ao oposicionismo por parte desses participantes.

Focalizou-se, a seguir, a variável do Pfister relacionada ao conjunto das cores. Assim, a Tabela 22 mostra os resultados descritivos e comparativos das síndromes cromáticas e sua associação com a origem escolar, utilizando-se a ANOVA ( $p \leq 0,05$ ) como procedimento estatístico para essa análise inferencial.

**Tabela 22:** Resultados descritivos e comparação estatística das porcentagens médias das principais síndromes cromáticas do Teste de Pfister em função da origem escolar dos adolescentes ( $n=180$ ).

Síndrome	Escola*	Média	D.P.	Mínimo	Máximo	F	<i>p</i>
Normal	Pa	49,8	12,2	13,3	73,4	0,17	0,683
	Pu	49,1	10,9	8,8	80,1		
Estímulo	Pa	30,2	13,0	0,0	68,9	0,53	0,467
	Pu	31,4	8,0	0,0	48,9		
Fria	Pa	48,9	15,6	0,0	91,2	2,60	0,108
	Pu	45,6	11,2	15,5	82,4		
Incolor	Pa	18,1	12,4	0,0	66,7	0,47	0,495
	Pu	19,4	12,7	0,0	71,1		
<b>Dinâmica</b>	Pa	25,4	11,6	0,0	57,8	7,40	<b>0,007</b>
	Pu	29,7	9,8	2,2	66,8		

\*Pa = escola particular; Pu = escola pública.

Pode-se notar que houve apenas uma diferença estatisticamente significativa entre os subgrupos de alunos no tocante às síndromes cromáticas. Assim, os resultados da síndrome dinâmica mostraram-se mais intensos nos adolescentes de escolas públicas, sugerindo vivências pessoais marcadas por altos níveis de produtividade e de perseverança nesse subgrupo, comparativamente a seus colegas de escolas particulares.

Na continuidade das análises do Pfister, foram comparados os aspectos formais das pirâmides (tapete, formação e estrutura) e sua possível relação com a origem escolar, por intermédio do teste Qui-quadrado ( $p \leq 0,05$ ). Esses resultados estão presentes na Tabela 23.

**Tabela 23:** *Distribuição das pirâmides do Pfister em termos de aspectos formais e comparação estatística em função da origem escolar dos estudantes (n = 180).*

Aspectos Formais	Escola		TOTAL	$\chi^2$	p
	Pública	Particular			
Tapete	181	86	267		
Formação	67	130	197	67,422	<b>,000</b>
Estrutura	22	54	76		
TOTAL	270	270	540		

Percebe-se que houve diferença estatisticamente significativa ao se comparar a distribuição do número de Tapetes, de Formações e de Estruturas construídos pelos adolescentes em função de sua origem escolar (pública e particular). Os Tapetes corresponderam ao maior número de pirâmides dos adolescentes, além do que ocorreram mais no grupo de escolas públicas. Já as Formações e as Estruturas foram bem mais frequentes nas pirâmides dos adolescentes de escolas particulares. Pode-se sugerir que o nível socioeconômico destes adolescentes, provenientes dessas respectivas origens escolares, possa estar de alguma maneira associado a suas estratégias de composição das pirâmides, visto que Formações e Estruturas podem estar relacionadas a organizações lógicas mais complexas, enquanto os Tapetes representariam estratégias de funcionamento lógico mais primário e básico.

O processo de execução implícito nas pirâmides do Pfister também teve a verificação da possível associação com a origem escolar. Esses dados estão presentes na Tabela 24.

**Tabela 24:** Distribuição dos processos de execução das pirâmides do Pfister e análise estatística em função da origem escolar dos adolescentes ( $n = 180$ ).

Execução	Escola		TOTAL	$\chi^2$	<i>p</i>
	Pública	Particular			
Metódica	8	24	32	11,029	<b>,004</b>
Ordenada	76	64	140		
Desordenada	6	2	8		
<b>TOTAL</b>	<b>90</b>	<b>90</b>	<b>180</b>		

Mais uma vez pode-se notar que a origem escolar mostrou-se variável relevante no modo dos adolescentes executarem suas pirâmides. Os dados mostram o claro predomínio da forma ordenada de execução das pirâmides, mas também evidenciam que alunos de escolas particulares destacaram a estratégia metódica para seu trabalho no Pfister. Diante da hipótese de que execuções metódicas podem estar vinculadas ao comportamento organizado e metuculoso, essas características pareceram mais presentes no subgrupo de escola particular. Por sua vez, a execução ordenada pode significar flexibilidade e preservação de um padrão de organização mais ou menos constante, presente no conjunto dos estudantes. A execução desordenada mostrou-se bem inferior aos outros tipos de execução das pirâmides, mostrando que os adolescentes, como um todo, preservaram sua condição de trabalho na tarefa do Pfister, sugerindo adaptabilidade em seu contexto de vida.

Também se examinou a distribuição dos resultados nas Fórmulas Cromáticas do Pfister e sua associação com a origem escolar dos adolescentes. Esses resultados compõem a Tabela 25.

**Tabela 25:** Distribuição dos adolescentes quanto à amplitude e à variabilidade das fórmulas cromáticas e comparação estatística em função da origem escolar ( $n = 180$ ).

Fórmula Cromática	Escola		$\chi^2$	<i>p</i>	
	Pública	Particular			
<b>Amplitude</b>	Ampla	76	49	19,390	<b>,000</b>
	Moderada	9	30		
	Restrita	5	11		
<b>Variabilidade</b>	Estável	17	14	0,841	,657
	Flexível	51	49		
	Instável	22	27		

Percebe-se diferença estatisticamente significativa apenas na Amplitude das fórmulas cromáticas em função da origem escolar. Os adolescentes de escolas públicas produziram fórmulas cromáticas classificadas como amplas em sua maioria, sugerindo maior receptividade aos estímulos ambientais nesse subgrupo de estudantes. Por sua vez, nas escolas particulares foi maior a presença da categoria amplitude moderada nas fórmulas cromáticas, podendo significar atitude de ponderação e de alguma resistência aos estímulos ambientais de natureza afetiva, como postulado pelo significado teórico dessas variáveis do Pfister.

Ao se examinar o conjunto desses dados do Pfister em sua possível associação com a origem escolar, pode-se inferir que o padrão sociocultural e econômico de vida dos adolescentes (aqui postulado como representado pela procedência acadêmica dos alunos) exerce um papel relevante em seu processamento lógico e afetivo. Obteve-se diferenças estatisticamente significativas nos resultados dos adolescentes avaliados em três das cores do Pfister, em uma das síndromes cromáticas (na síndrome dinamismo), na distribuição dos aspectos formais das pirâmides construídas, bem como em sua execução, além da categoria amplitude da fórmula cromática do Teste de Pfister. Essas evidências deverão ser devidamente consideradas no processo de interpretação dos achados na prática cotidiana com esse método projetivo de avaliação psicológica.

#### **4.5. Comparação de dados normativos de adolescentes**

Na sequência das análises propostas para este trabalho, os atuais resultados do Pfister foram comparados com a norma para adolescentes de 12 a 14 anos da década de 1970 (F. Villemor-Amaral, 1978), visando-se examinar especificidades nos padrões de resposta em função da época estudada. O foco das análises foi a porcentagem média das cores e das quatro principais síndromes cromáticas (normal, estímulo, fria e incolor) do Teste de Pfister, comparando-se estatisticamente os resultados médios pelo Teste *t de Student* ( $p \leq 0,05$ ).

A Tabela 26 lista as porcentagens médias das cores escolhidas pelo grupo atual de adolescentes de 12 a 14 anos, comparando-as com os valores disponibilizados pelas normas do Pfister de adolescentes de 1978.

**Tabela 26:** *Porcentagens médias das cores do Teste de Pfister da amostra atual (n = 180) em relação à amostra de adolescentes de 1978 (n = 89).*

<b>Cor</b>	<b>Amostra (ano)</b>	<b>Média</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
Azul	1978	17,7	1,46	,147
	2011	18,6		
Vermelho	1978	14,4	1,32	,190
	2011	15,0		
<b>Verde</b>	1978	18,3	-4,04	<b>,000</b>
	2011	15,7		
<b>Violeta</b>	1978	10,0	4,22	<b>,000</b>
	2011	12,8		
<b>Laranja</b>	1978	8,6	-3,88	<b>,000</b>
	2011	7,0		
<b>Amarelo</b>	1978	11,4	-5,58	<b>,000</b>
	2011	8,7		
<b>Marrom</b>	1978	8,0	-16,59	<b>,000</b>
	2011	3,0		
<b>Preto</b>	1978	5,6	2,26	<b>,025</b>
	2011	6,9		
<b>Branco</b>	1978	3,7	9,00	<b>,000</b>
	2011	8,9		
<b>Cinza</b>	1978	3,7	-3,32	<b>,001</b>
	2011	2,8		

Dentre as dez cores do Pfister, oito delas (verde, violeta, laranja, amarelo, marrom, preto, branco e cinza) apresentaram diferenças estatisticamente significativas ao analisar os protocolos de adolescentes de 1978 e os adolescentes da atual amostra, das mesmas idades (12 a 14 anos). Essas evidências empíricas revelam a importância da elaboração de padrões normativos atuais para esse método projetivo nessa faixa etária.

Antes de qualquer interpretação dos achados, há que se comentar que os dados foram obtidos com adolescentes em adequada vinculação à realidade e boa adaptação ao seu contexto ambiental, com indicadores de desenvolvimento típico para sua idade. Portanto, os perfis de resultados encontrados precisam ser compreendidos como parâmetros comuns de vivências desses estudantes, sem qualquer caracterização de patologia nesses sinais. Assim, a diminuição atual das cores verde, laranja, amarelo, marrom e cinza pode dar indícios de inibição e repressão emocional, com possível dificuldade em elaborar emoções e vivências de ansiedade, comparativamente ao padrão de escolhas cromáticas dos adolescentes de outro

momento sociocultural brasileiro (década de 1970). Pode-se notar aumento do branco, preto e violeta na atualidade, em comparação com as normas disponíveis do Pfister para adolescentes de 1978, sugerindo ainda sinais de angústia e conflito interno, marcando-se tentativas de negação afetiva contrapostas a outros momentos de explosão emocional. No entanto, cabe destacar que estas comparações entre os grupos de adolescentes (atuais e de 1978), para além de características de época, carregam também as especificidades da composição das amostras destes estudos. O que vale comentar, no entanto, é que, periodicamente, fazem-se necessárias explorações relativas aos padrões de resposta típicos aos instrumentos de avaliação psicológica, como o Pfister, de modo a bem interpretar seus indicadores em relação aos grupos de referência e aos padrões adaptativos encontrados pelos indivíduos nos diferentes contextos de vida.

A partir desse mesmo raciocínio, foi realizada a comparação dos valores das síndromes cromáticas, entre essas duas amostras anteriormente citadas. A Tabela 27 contém a comparação das síndromes cromáticas, com exceção da síndrome de dinamismo, pois no manual do Pfister datado de 1978 não foram traçados seus referenciais normativos.

**Tabela 27:** *Porcentagens médias das síndromes cromáticas do Teste de Pfister da amostra atual (n=180) em relação à amostra de adolescentes de 1978 (n = 89).*

<b>Síndromes</b>	<b>Amostra (ano)</b>	<b>Média</b>	<b>t</b>	<b>p</b>
Normal	1978	50,4	-1,03	,304
	2011	49,5		
<b>Estímulo</b>	1978	34,4	-4,44	<b>,000</b>
	2011	30,8		
Fria	1978	46,0	2,26	,208
	2011	47,2		
<b>Incolor</b>	1978	13,0	6,17	<b>,000</b>
	2011	18,7		

Também se encontraram diferenças significativas entre os valores das síndromes estímulo e incolor dos adolescentes da amostra de 1978 e do grupo atual. Reafirma-se, portanto, a necessidade de atualização dos referenciais normativos do Pfister em adolescentes, como delineado no presente trabalho.

#### 4.6. Comparação de dados normativos de adolescentes e de adultos

Ainda com a meta de verificar a necessidade de elaboração de padrões normativos específicos para adolescentes, os dados presentemente colhidos foram comparados com as normas disponíveis para adultos (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012). Os resultados atuais foram comparados aos obtidos com amostra de não pacientes ( $n = 111$ ), composta por pessoas de ambos os sexos, com idades entre 17 a 66 anos, e grau de escolaridade médio de oito anos. A Tabela 28 apresenta os dados dessa análise comparativa referentes às frequências cromáticas, enquanto que a Tabela 29 traz as comparações entre as síndromes cromáticas do Teste de Pfister.

**Tabela 28:** *Porcentagens médias das cores do Teste de Pfister da amostra atual ( $n = 180$ ) em relação à amostra de adultos não pacientes ( $n = 111$ ).*

<b>Cor</b>	<b>Amostra</b>	<b>Média</b>	<b><i>t</i></b>	<b><i>p</i></b>
Azul	Adultos	18,1	0,86	,389
	Adolescentes	18,6		
<b>Vermelho</b>	Adultos	13,6	2,87	<b>,005</b>
	Adolescentes	15,0		
<b>Verde</b>	Adultos	19,7	-6,25	<b>,000</b>
	Adolescentes	15,7		
<b>Violeta</b>	Adultos	8,5	6,44	<b>,000</b>
	Adolescentes	12,8		
<b>Laranja</b>	Adultos	10,8	-9,23	<b>,000</b>
	Adolescentes	7,0		
Amarelo	Adultos	9,5	-1,57	,118
	Adolescentes	8,7		
<b>Marrom</b>	Adultos	4,0	-3,06	<b>,003</b>
	Adolescentes	3,0		
<b>Preto</b>	Adultos	4,5	4,07	<b>,000</b>
	Adolescentes	6,9		
Branco	Adultos	8,3	1,12	,265
	Adolescentes	8,9		
Cinza	Adultos	2,9	-0,21	,831
	Adolescentes	2,8		

Ocorreu diferença significativa em sete cores do Pfister (vermelho, verde, violeta, laranja, preto, marrom). O vermelho e o violeta mostraram-se aumentados nos adolescentes, podendo sugerir maior intensidade de excitação e de ansiedade nesse grupo etário, tanto quanto apresentaram também em maior intensidade o indicador de repressão e inibição (aumento significativo do preto entre adolescentes). O verde, o laranja e o marrom tiveram maior porcentagem média nos adultos, podendo sugerir maior disponibilidade ao contato afetivo, à produtividade e ao dinamismo, em relação aos adolescentes.

Configuram-se, claramente, especificidades das escolhas cromáticas dos adolescentes avaliados comparativamente aos adultos normativos disponíveis na literatura científica relativa ao método projetivo em questão. Essa evidência também se confirma frente aos resultados das síndromes cromáticas, como demonstrado na Tabela 29.

**Tabela 29:** Porcentagens médias das síndromes cromáticas do Teste de Pfister da amostra atual ( $n = 180$ ) em relação à amostra de adultos não pacientes ( $n = 111$ ).

Síndromes	Amostra	Média	<i>t</i>	<i>p</i>
<b>Normal</b>	Adultos	51,3	-2,07	<b>0,039</b>
	Adolescentes	49,5		
<b>Estímulo</b>	Adultos	33,9	-3,82	<b>0,000</b>
	Adolescentes	30,8		
Fria	Adultos	46,3	0,97	0,334
	Adolescentes	47,2		
<b>Incolor</b>	Adultos	15,8	3,19	<b>0,002</b>
	Adolescentes	18,7		
<b>Dinamismo</b>	Adultos	33,2	-6,85	<b>0,000</b>
	Adolescentes	27,6		

Mais uma vez ocorreram diferenças estatisticamente significativas nas síndromes cromáticas, comparando-se adultos e adolescentes do atual trabalho. Os adolescentes apresentaram porcentagens médias, nas síndromes normal, estímulo, incolor e dinamismo, significativamente diferentes daquelas apresentadas pelos adultos não pacientes.

Julga-se, a partir desses dados, que as evidências empíricas confirmam a necessidade de apresentação dos atuais referenciais normativos do Teste de Pfister em adolescentes como novos referenciais para utilização e interpretação dos resultados de avaliação por meio desse instrumento. Justifica-se, portanto, a relevância técnica e científica desse tipo de investigação científica na contemporaneidade, buscando-se, no próximo tópico, sistematizar de modo sintético os dados normativos de adolescentes.



#### 4.7. Dados normativos do Pfister em adolescentes

Diante dos achados aqui apresentados e dos objetivos delineados no presente trabalho, considerou-se sensato sistematizar tabelas descritivas dos padrões de escolhas cromáticas (porcentagens das cores e das síndromes cromáticas), bem como dos aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes de 12 a 14 anos presentemente avaliados. Para tanto, seguiu-se o padrão técnico adotado em A. E. Villemor-Amaral (2012), de modo a facilitar a visualização e a utilização prática desses referenciais na prática cotidiana de avaliação psicológica.

Do conjunto de análises comparativas realizadas, a origem escolar foi a variável sociodemográfica com maior número de associações estatisticamente significativas com os resultados do Pfister, de modo que os atuais referenciais normativos foram elaborados em separado para estudantes de escolas públicas e de escolas particulares, como mostra a Tabela 30. A apresentação do perfil geral dos adolescentes (n=180), cabe lembrar, já consta na Tabela 5 desse trabalho.

**Tabela 30:** Resultados descritivos (em porcentagem) das cores utilizadas pelos adolescentes de escolas públicas (n=90) e particulares (n=90) no Teste de Pfister .

	CORES	Az	Vm	Vd	Vi	La	Am	Ma	Pr	Br	Ci
Adolescentes Escolas Públicas	Média	16,6	15,5	17,1	12,0	6,7	9,2	3,4	7,6	8,0	3,8
	DP	6,9	6,3	7,6	6,5	3,7	6,1	3,5	8,5	6,4	3,1
	Mínimo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Máximo	33,4	33,4	44,4	33,4	15,5	33,4	20,0	46,7	37,8	13,3
	Percentil 25	13,3	11,1	13,3	8,9	4,4	6,7	0,0	2,2	4,4	1,7
	Mediana	17,8	15,5	17,8	12,2	6,7	8,9	2,2	5,5	6,7	4,4
	Percentil 75	20,0	18,3	20,0	15,5	8,9	11,1	4,4	8,9	9,4	6,7
Adolescentes Escolas Particulares	Média	20,8	14,6	14,3	13,7	7,2	8,3	2,7	6,3	9,8	1,9
	DP	10,3	7,5	9,1	11	6,8	6,6	4,4	7,7	8,9	3,5
	Mínimo	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
	Máximo	53,3	31,2	46,7	48,9	35,6	31,2	22,2	42,2	48,9	24,4
	Percentil 25	16,5	8,9	8,9	4,4	0,0	3,8	0,0	0,0	2,2	0,0
	Mediana	20,0	16,5	13,3	13,3	6,7	8,9	0,0	4,4	8,9	0,0
	Percentil 75	24,4	20,0	18,3	20,0	11,1	11,1	4,4	6,8	13,3	2,7

A distribuição geral desses resultados nas escolhas cromáticas do Pfister poderá auxiliar a análise comparativa de outros indivíduos frente ao conjunto de evidências presentemente sistematizadas, razão desse tipo de sistematização didática dos dados relativos às cores.

A seguir, fez-se o mesmo para as síndromes cromáticas, levando-se em consideração a origem escolar dos adolescentes. Esses resultados compõem a Tabela 31.

**Tabela 31:** Resultados descritivos (em porcentagem) das síndromes cromáticas utilizadas pelos adolescentes de escolas públicas ( $n=90$ ) e particulares ( $n=90$ ) no Teste de Pfister.

SÍNDROME		Normal	Estímulo	Fria	Incolor	Dinamismo
Adolescentes Escolas Públicas	Média	49,2	31,4	45,7	19,4	29,8
	DP	10,9	8,0	11,2	12,7	9,8
	Mínimo	8,8	,0	15,5	,0	2,2
	Máximo	80,1	48,9	82,4	71,1	66,8
	Percentil 25	46,0	28,3	42,2	13,3	24,4
	Mediana	51,1	31,1	46,7	15,6	28,9
	Percentil 75	55,5	36,1	51,1	22,2	35,5
Adolescentes Escolas Particulares	Média	49,8	30,2	48,9	18,1	25,4
	DP	12,2	12,9	15,6	12,4	11,6
	Mínimo	13,3	,0	,0	,0	,0
	Máximo	73,4	68,9	91,2	66,7	57,8
	Percentil 25	44,1	21,8	40,9	8,9	17,7
	Mediana	51,0	31,1	47,6	17,7	26,0
	Percentil 75	57,7	37,8	55,8	25,7	31,1

Na sequência de sistematização dos parâmetros normativos dos adolescentes de 12 a 14 anos de idade, tendo em conta sua procedência acadêmica, são apresentados os resultados relativos aos aspectos formais das pirâmides. A Tabela 32 apresenta esse conjunto de dados.

**Tabela 32:** Resultados descritivos (em porcentagem) dos aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes de escolas públicas ( $n=90$ ) e particulares ( $n=90$ ) no Teste de Pfister.

SUBGRUPO	ASPECTO FORMAL	TIPOS		TOTAL		
		f	%	f	%	
Adolescentes Escolas Públicas	Tapete puro	23	8,5	TAPETES	181	67,0
	Tapete furado	134	49,6			
	Tapete desequilibrado	3	1,1			
	Tapete início de ordem	21	7,8			
	Camadas multicromáticas	36	13,3	FORMAÇÕES	67	24,8
	Camadas monocromáticas	5	1,9			
	Camadas monotonais	7	2,6			
	Formação simétrica	15	5,5			
	Formação alternada	4	1,5	ESTRUTURAS	22	8,2
	Estrutura em escada	6	2,2			
	Estrutura simétrica	7	2,6			
	Estrutura assimétrica dinâmica	2	0,8			
Estrutura em manto	7	2,6				
Estrutura em mosaico						
Adolescentes Escolas Particulares	Tapete puro	5	1,9	TAPETES	86	31,9
	Tapete furado	56	20,7			
	Tapete desequilibrado	1	0,4			
	Tapete início de ordem	24	8,9			
	Camadas multicromáticas	68	25,2	FORMAÇÕES	130	48,1
	Camadas monocromáticas	14	5,2			
	Camadas monotonais	1	0,4			
	Formação simétrica	28	10,4			
	Formação alternada	19	7,0	ESTRUTURAS	54	20,0
	Estrutura em escada	13	4,8			
	Estrutura simétrica	13	4,8			
	Estrutura assimétrica dinâmica	2	0,7			
Estrutura em manto	22	8,1				
Estrutura em mosaico	4	1,5				

#### 4.8. Precisão do Pfister

Uma análise complementar aos objetivos inicialmente propostos para o presente trabalho foi também implementada: a análise da precisão do Teste de Pfister, recorrendo-se à estratégia da análise do acordo entre avaliadores independentes dos aspectos formais das pirâmides construídas pelos adolescentes. Para essa análise não foram considerados os subgrupos de estudantes, visto se tratar de preocupação mais geral, de natureza metodológica

relativa aos procedimentos de sistematização dos resultados. Esta variável examinada conforme proposta de A. E. Villemor-Amaral (2005), e também se justifica na medida em que aborda indicador a ser classificado pelo avaliador, a partir do processo de construção das pirâmides e de seu formato final, podendo gerar alguma variabilidade técnica, sendo necessária sua verificação psicométrica.

Para atender ao referido objetivo complementar, portanto, o conjunto dos casos foram avaliados, de modo independente e às cegas, pela própria mestrandia e sua orientadora, listando-se as classificações de cada pirâmide produzida pelos adolescentes. Fez-se um cálculo (em porcentagem) do total de acordos identificados nessa classificação dos aspectos formais de cada uma das pirâmides, bem como para o conjunto delas. O resultado geral dessa análise está detalhado no APÊNDICE D1. Por meio deste procedimento, chegou-se às seguintes proporções de acordo entre avaliadores independentes:

- primeira pirâmide (n = 180): 83,3%
- segunda pirâmide (n = 180): 83,3%
- terceira pirâmide (n = 180): 82,0%
- conjunto das pirâmides (n = 540): 82,9%

Pode-se, desse modo, apresentar evidência empírica de adequado grau de precisão do Teste de Pfister, a partir desses achados. Análises complementares poderão ser futuramente desenvolvidas, porém as demais variáveis do Pfister são essencialmente quantitativas, deixando pouco espaço para esse tipo de análise comparativa de classificações das variáveis por análises independentes de avaliadores experientes no método projetivo em questão.

#### **4.9. Associação entre nível intelectual e aspecto formal das Pirâmides de Pfister**

As análises realizadas com os dados dos instrumentos de avaliação psicológica presentemente utilizados permitiram levantar uma hipótese de associação entre o nível de inteligência não verbal (inferido a partir do INV – Forma C) e o tipo de elaboração formal dos quadrículos do Teste de Pfister. Assim, esperar-se-ia que as pirâmides classificadas como Estruturas tivessem sido produzidas por adolescentes com maior pontuação na prova intelectual. Essa inferência já foi apontada em outros estudos da área, porém julgou-se sensato adicionar nesse trabalho a verificação dessa possível relação entre indicadores técnicos.

Para operacionalizar o exame da referida hipótese, os resultados do INV (forma C), em notas percentis, foram correlacionados com a classificação do aspecto formal das pirâmides construídas pelos adolescentes, atribuindo a cada tipo uma representação numérica: 1 para Tapetes, 2 para Formações e 3 para Estruturas. Foi utilizado o teste de correlação de Spearman ( $p \leq 0,05$ ) entre essas variáveis, utilizando-se apenas os casos de escolas particulares ( $n=90$ ), dados que se encontram sistematizados na Tabela 33.

**Tabela 33:** Distribuição do Aspecto Formal das pirâmides do Pfister em função do resultado (em percentil) no Teste INV dos 90 adolescentes de escolas particulares ( $n=270$  pirâmides).

INV – forma C (percentis)	ASPECTO FORMAL			Total
	Tapetes = 1	Formações = 2	Estruturas = 3	
40 < P < 50	-	3	-	3
P = 50	-	6	-	6
50 < P < 60	3	-	6	9
P = 60	-	3	-	3
60 < P < 70	<b>15</b>	6	6	27
P = 70	6	-	3	9
70 < P < 75	3	3	-	6
P = 75	3	9	-	12
75 < P < 80	9	<b>15</b>	3	27
P = 80	9	6	3	18
80 < P < 90	24	<b>33</b>	<b>15</b>	72
P = 90	3	<b>15</b>	3	21
90 < P < 95	-	<b>12</b>	9	21
P = 95	9	<b>15</b>	3	27
95 < P < 99	3	-	3	6
P = 99	-	-	3	3
TOTAL	87	126	57	270

Foi encontrada correlação estatisticamente significativa entre nível intelectual e aspecto formal das pirâmides construídas por esse subgrupo de adolescentes, sendo o índice de correlação de Spearman  $r=0,133$  ( $p=0,029$ ). Esse achado pode ser interpretado como uma correlação fraca, entretanto positiva e significativa, indicando regularidade na direção de que as Estruturas apareceram em protocolos do Pfister de indivíduos com melhores resultados no Teste INV – forma C. Esse resultado correspondeu às expectativas iniciais, tendo em consideração o pressuposto técnico de que o Aspecto Formal do Pfister dê indícios sobre o desempenho cognitivo da pessoa avaliada, contribuindo para a compreensão global desta função, como aqui confirmado.



## 5. DISCUSSÃO

O objetivo central do presente estudo foi elaborar padrões normativos para a faixa etária adolescente no Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, instrumento projetivo de avaliação da dinâmica afetiva e de aspectos cognitivos do indivíduo, muito importante por sua vasta utilização em diversas áreas da Psicologia, como descreve A. E. Villemor-Amaral (2012). Considerando-se que a adolescência é uma fase de desenvolvimento composta de especificidades socioafetivas, partiu-se do pressuposto de que seria necessário dispor, aos psicólogos brasileiros, referenciais normativos atualizados e adequados para essa faixa etária, de modo a favorecer condição técnica para adequada utilização do referido método projetivo. Além disso, seria possível verificar sinais do Pfister que auxiliariam na compreensão dos adolescentes do contexto contemporâneo.

O estudo trabalhou com a hipótese de que algumas variáveis sociodemográficas (sexo, idade e origem escolar) poderiam estar associadas a padrões de resposta no Pfister, supondo-se que a procedência acadêmica seria uma variável a produzir diferenças estatisticamente significativas entre subgrupos de estudantes, como ficou evidenciado. Para garantir a equidade dos subgrupos delineados nesse trabalho, tornando-os mais homogêneos, buscou-se compor a amostra de modo igualmente dividida em função do sexo (masculino e feminino), idade (12, 13 e 14 anos) e origem escolar (particular e pública), embora constituída por conveniência para viabilidade de execução do próprio trabalho. Esses cuidados metodológicos mostraram-se relevantes para o bom andamento do estudo e de suas etapas analíticas, favorecendo o alcance de seus objetivos iniciais.

Esperava-se, também, que ao se comparar os resultados da amostra atual com os resultados da faixa etária adulta (2005) e com a amostra normativa de adolescentes (12 a 14 anos) de 1978, ter-se-ia um padrão de resultados no Teste de Pfister significativamente diferente, como foi possível demonstrar com as análises inferenciais realizadas no presente estudo. Justificou-se, dessa forma, a própria existência da presente investigação científica.

A fim de caracterizar o perfil geral dos resultados no Teste de Pfister, foram consideradas as seguintes variáveis técnicas desse instrumento projetivo: frequência das cores, síndromes cromáticas, tempo de produção (de cada uma das três pirâmides), aspecto formal, processo de execução e classificações das fórmulas cromáticas das pirâmides. Desse modo os resultados serão discutidos também nesse esquema, partindo-se da análise interpretativa do perfil geral dos resultados, buscando-se explicitar os resultados que mais se destacaram e mais

freqüentes no grupo de adolescentes aqui avaliados. Cabe destacar, uma vez mais, que essa análise interpretativa busca explicitar características que se mostraram recorrentes nos estudantes, de modo a tentar caracterizar suas vivências afetivas e cognitivas, sem qualquer implicação patológica, visto que se tratam de adolescentes com desenvolvimento típico, ou seja, com bons indicadores de adaptação social ao seu contexto de vida.

Ao analisar as frequências das cores utilizadas pela amostra de 180 adolescentes, houve predomínio do uso da cor azul, seguida do verde, vermelho e violeta, nesta ordem. Pode-se considerar que as porcentagens médias das cores azul (18,6%), verde (15,7%) e vermelho (15,0%) estão próximas. O violeta apareceu com uma frequência de 12,8%. As interpretações possíveis de cada cor, contidas no manual de A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012), podem ser associadas aos dados e às respectivas hipóteses sobre o funcionamento psíquico na faixa etária adolescente. De forma geral, a cor azul pode ser associada ao controle e à adaptação dos afetos, e pode indicar a capacidade de elaborar aspectos mais impulsivos ou excitados. Isto pode significar que os adolescentes da amostra atual mostram-se capazes, no presente momento, de organizar e administrar seus afetos. Esse resultado possivelmente está relacionado com o perfil da amostra selecionada, composta por adolescentes sem histórico de problemas psíquicos ou psiquiátricos. Na amostra normativa de adolescentes de 1978, a cor azul teve frequência média de 17,7% e, na amostra de adultos de 2005, a cor azul teve frequência média de 18,1%, sendo ambas as frequências inferiores à amostra atual, que foi de 18,6%, porém todas muito próximas e não se diferenciando de modo estatisticamente significativo. Outra hipótese explicativa para a forte presença do azul nos adolescentes seria o argumento de Paladino (2005), enfatizando que o intenso uso da razão nessa fase do desenvolvimento humano tem servido para controle de impulsos e para contenção dos afetos, visto que ainda não dispõe de suficiente organização lógica para elaborar suas fortes vivências emocionais.

A segunda escolha cromática mais frequente foi o verde, considerado indicador de disposição para relacionamentos interpessoais, para contatos afetivos e sociais. Esses dados sugerem que os adolescentes dessa amostra valorizam a habilidade de relacionar-se e de pertença a um grupo, refletindo no grande uso da cor verde ao construir as pirâmides, sinalizando certa aptidão para compreender o ambiente em que vivem e interagem, intelectual e afetivamente. Apesar de ser uma cor de destaque entre os adolescentes, os adultos (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012) mostraram frequência estatisticamente superior nessa escolha cromática, talvez sugerindo especificidades no desenvolvimento afetivo com o passar dos anos. Nessa direção, há que se retomar as considerações de Aberastury (1983) ao destacar que



a adolescência se constitui como um momento de inserção social do indivíduo, caracterizado pela valorização das relações de amizade e com o sexo oposto. Apesar desse desejo e necessidade, o verde atingiu porcentagem estatisticamente inferior ao resultado de adultos, talvez sinalizando que adolescentes ainda não possuem a experiência emocional e funcional de um adulto, como enfatizou Levisky (1998), sobretudo ao se considerar que a presente amostra foi composta por estudantes em seu início da adolescência.

A cor vermelha figurou também entre as mais escolhidas nos protocolos do Pfister dos adolescentes e está associada à extroversão, impulsividade e irritabilidade. Os conflitos psíquicos e intensas vivências afetivas típicas desta fase de desenvolvimento podem dar um sentido para essas características. As diversas mudanças pelas quais os adolescentes passam podem favorecer intensificação das vivências impulsivas. Portanto, era de se esperar que a cor vermelha tivesse presença marcante entre adolescentes. Nos estudos anteriores com adultos (A. E. Villemor-Amaral, 2005) e com adolescentes (F. Villemor-Amaral 1978), as frequências do vermelho também foram altas, sendo 13,6% e 14,4%, respectivamente, identificando-se diferença estatisticamente significativa com o grupo adulto e não com o grupo adolescente, marcando especificidade dessa etapa do desenvolvimento. Aberastury e Knobel (1992) descrevem a adolescência como um período de transição e repleto de mudanças, que geram muitos conflitos e explosões emocionais, podendo-se compreender daí a destacada frequência do vermelho. Outro componente relevante associado à intensificação de vivências emocionais na adolescência seria o argumentado por Kristensen, Leon, D’Incao e Dell’Aglia (2005), ao apontarem intensos fatores estressores contemporâneos existentes nessa etapa do desenvolvimento, entre eles a preocupação com exigentes provas acadêmicas e conflitos com amigos e novas configurações familiares.

Dando continuidade às interpretações das cores mais frequentes nos adolescentes avaliados, tem-se o violeta, relacionado a estados de tensão, ansiedade, inquietude e inquietação interna (F. Villemor-Amaral, 1978). O uso dessa cor em quantidades consideráveis, pelo grupo estudado, mostra a intensidade dessas vivências nos adolescentes, bem como facilita compreender a relevância da cor azul, que como já foi visto, apresentou-se aumentada entre os adolescentes. Pode-se supor que, para lidarem com esses indicadores de vivências de ansiedade e agitação, precisam das qualidades relacionadas à cor azul, como capacidade de controle dos afetos e adaptação racional. No estudo de A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012) a frequência de violeta foi estatisticamente inferior (8,5%), assim como no estudo de F. Villemor Amaral (1978), com frequência média de 10%, se comparadas à frequência do violeta na amostra atual (12,8%). Essa significativa maior incidência de sinais

de ansiedade no grupo aqui estudado pode ser associada à crescente diminuição do bem estar geral dos adolescentes observada no estudo de Kristensen, Leon, D’Incao e Dell’Aglia (2005) e em Compas, Hinden e Gerhardt (1995). Esses pesquisadores apontaram a existência de fatores de risco para o desenvolvimento dos adolescentes, constituindo-se em estressores contemporâneos, como exigentes obrigações escolares, relacionamentos conflituosos com amigos e irmãos, bem como a relação com os pais, que apesar de ainda ser de obediência, já deve demonstrar mais independência e autonomia, podendo tornar esse momento ainda mais conturbado.

Para além das escolhas cromáticas do Teste de Pfister, cabe considerar o ritmo de trabalho para construção das pirâmides. Embora essa variável não conste no manual recente desse método projetivo (A. E. Villemor-Amaral, 2005, 2012) decidiu-se mantê-la de modo a oferecer informações relacionadas ao tempo dedicado ao trabalho por esse grupo. Ao se considerar o tempo médio total de elaboração das pirâmides, uma a uma, observou-se diminuição do tempo de construção das pirâmides no decorrer da produção, ou seja, o tempo médio foi maior para elaboração da primeira pirâmide (141 segundos), e foi diminuindo nas seguintes, com média de 110 segundos na segunda e de 105 segundos na terceira. De acordo com dados de adultos estudados por F. Villemor-Amaral (1978) o tempo médio utilizado para cada pirâmide foi de quatro minutos, ao passo que na produção de seus adolescentes a média de tempo gasto ficou por volta de dois minutos, equivalendo aos atuais resultados. Esse desempenho mais rápido nos adolescentes pode significar impulsividade ou até mesmo ansiedade, características previamente destacadas como possível marca do período estudado. Paladino (2005) se refere a esse tipo de impulsividade do adolescente como algo fortemente influenciado pela chamada “*geração zapping*”, onde tudo acontece (e é esperado que aconteça) com rapidez e comportamentos imediatos.

Agora, considerando os aspectos formais das pirâmides do grupo total, houve predomínio dos tapetes furados ou rasgados, constituindo-se em 35,2% das pirâmides construídas. Pode-se identificar em outros estudos a elevada frequência de tapetes furados, como na amostra de adultos não-pacientes de A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012). Além desse estudo, Farah (2010) chegou ao resultado de predomínio de tapetes furados em um grupo de crianças com idades entre seis e dez anos. No estudo de Adib (2008), adolescentes de 14 a 19 anos obtiveram uma frequência de tapetes furados que variou de 34% a 62%. Vale destacar que esse tipo de configuração está associada, segundo A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012), a perturbações no pensamento. Depreende-se dessas informações levantadas que, mesmo com a interpretação de possível instabilidade na organização lógica, a elevada

frequência desse tipo de pirâmide na atual amostra se constitui como padrão comum de resposta de adolescentes ao Pfister, visto que sua frequência também está aumentada em outros estudos, com outras amostras, com perfil de desenvolvimento típico.

A formação em camadas multicromáticas foi a segunda composição das pirâmides mais presente nos protocolos do Pfister dos adolescentes, com frequência de 19,3%. Segundo F. Villemor-Amaral (1978) esse tipo de formação pode indicar uma personalidade ainda em formação, frágil, lábil, bem como imaturidade em relação às emoções e defesas psíquicas. Provavelmente, por essas características de ainda estarem em fase de formação e amadurecimento, transformando-se e em busca de adaptação, seja frequente em crianças e adolescentes, como foi demonstrado nessa pesquisa.

Relativo ao processo de execução das pirâmides, a maneira de dispor os quadriculos mais frequente nos protocolos foi a execução ordenada, que caracteriza indivíduos que trabalham de forma organizada, com colocação por vezes constante, porém havendo flexibilidade. Este resultado era esperado, já que a atual amostra de adolescentes foi selecionada a partir de indicadores de desenvolvimento típico para essa faixa etária, ou seja, não pacientes. Levisky (1998) caracteriza o período da adolescência como a passagem do pensamento concreto para pensamento formal, com início da possibilidade de maior organização lógica, sendo possível relacionar essa hipótese aos dados encontrados.

Ainda no intuito de caracterizar o padrão geral de respostas da amostra de adolescentes no Teste de Pfister, tem-se os dados relativos a amplitude e variabilidade das fórmulas cromáticas (FC). Quando se trata da amplitude, há maior ocorrência de classificações amplas (69,4% das pirâmides), enquanto que, para a variabilidade, há maior ocorrência da categoria flexível (55,6% dos protocolos). Em geral, os indivíduos que escolhem a categoria ampla, podem se mostrar influenciáveis, o que pode ser característico dessa fase, principalmente no que se refere a inserção social desses adolescentes, destacando-se a necessidade do sentimento de pertinência, já apontado por Aberastury (1983). Além disso, tendem a ter uma variedade de interesses e são bastante dinâmicos, como descreve F. Villemor-Amaral (1978). A variabilidade classificada como flexível pode significar presença de recursos de adaptação comportamental em relação à estimulação externa. O tipo de FC ampla e flexível, predominante nos adolescentes da atual amostra, pode denotar que os adolescentes vivem momento de instabilidade psíquica, por estarem em fase de transição, em busca de uma nova identidade, devido à passagem da infância, já perdida, para a fase adulta, como explicitam Aberastury e Knobel (1992).

Outros aspectos estudados, a partir dessas características de padrões gerais dos resultados no Teste de Pfister nos adolescentes avaliados, foram as possíveis associações entre sexo, idade e origem escolar e os dados coletados. Com relação ao exame da associação do sexo com os resultados, foram encontradas apenas três variáveis sob influência significativa. Nas frequências cromáticas, houve maior emprego do violeta nos protocolos femininos, denotando presença maior de sinais de ansiedade nesse subgrupo, mas que deve ser relativizado em virtude da predominante frequência da tonalidade Vi1. Isso porque esse tom Vi1 pode estar voltado mais para uma representação social do feminino, derivada de treino sociocultural ligado ao gênero e não à formação de personalidade. A frequência significativa de violeta também foi encontrada por Adib (2008) em seu estudo com adolescentes, ao analisar essa variável em função do sexo. Na presente amostra também se encontrou associação estatisticamente significativa entre o sexo masculino e a maior ocorrência das cores preta, branco e marrom, relacionadas à introversão, repressão, inibição das motivações e reações emocionais, vazio interior e fuga de situações de carga emocional, o que corroborou evidências dos adolescentes de F. Villemor-Amaral (1978), sinalizando ainda indicadores de energia e ação nesses adolescentes.

O subgrupo feminino teve significativa maior presença da síndrome fria, enquanto que o subgrupo masculino teve significativa maior presença de síndrome incolor. Depreende-se que as adolescentes estudadas podem estar demonstrando maior contenção dos afetos, enquanto que os adolescentes avaliados apresentam necessidade de fuga dos afetos, provavelmente como mecanismo de defesa para situações conflituosas. Outro indicador que evidenciou diferenças significativas em função do sexo foi o processo de execução das pirâmides. Observou-se que o subgrupo feminino teve maior frequência de execução metódica, em contrapartida, o subgrupo masculino teve maior frequência de execução ordenada. Apesar da hipótese desses dados expressarem apenas especificidades amostrais do grupo avaliado, tendem a retratar tentativas de adaptação à realidade dos adolescentes do subgrupo feminino, marcado por traços mais sistemáticos na execução das pirâmides, divergindo do subgrupo masculino com menor organização na construção das pirâmides. É possível que variáveis do próprio contexto sociocultural exerçam alguma influência sobre essas evidências que delinham esses processos de organização e desenvolvimento psíquicos da presente amostra. Essas suposições podem configurar questões para futuras investigações, já que no presente momento é inviável realizar investigação de tamanha complexidade.

Ao analisar as variáveis do Pfister em função da idade, os dados apontaram para a existência de apenas uma diferença estatisticamente significativa entre os subgrupos

examinados, que foi a presença marcante de tapetes nos protocolos de adolescentes de 12 anos. Desse modo, há que se considerar que os adolescentes de 12 a 14 anos, examinados nesse estudo, como um grupo homogêneo no padrão de respostas a esse método projetivo. Não se justifica, portanto, a elaboração de referenciais normativos específicos para cada ano de vida nesta faixa etária. Já no estudo de Villemor-Amaral, Pandini, Tavella, Biasi e Migoranci (2012), as crianças de 6 anos apresentaram significativa maior frequência de tapetes puros em relação aos participantes de 12 anos, dando indicadores de maior complexidade no desenvolvimento cognitivo nas crianças maiores. Contudo, aqui há que se considerar que o distanciamento entre as idades é de seis anos, enquanto no presente estudo a faixa etária focalizada é contínua (12, 13 e 14 anos) e mais circunscrita.

Em continuidade à investigação das possíveis associações de variáveis independentes, foi examinada a associação entre a origem escolar e a produção no Pfister. Notou-se que a variável origem escolar foi associada a todas as classes de indicadores até o momento investigados na técnica de Pfister. Na frequência de cores, houve diferenças estatisticamente significativas na cor azul (aumentada em escolas particulares), verde e cinza (aumentadas nas escolas públicas). O azul está relacionado a maior controle e adaptação dos afetos, a fim de lidar com a demanda crescente de responsabilidades dos adolescentes. Paladino (2005) ressalta que o adolescente de hoje tem o foco de suas energias voltado para a razão, muitas vezes pela dificuldade em lidar com os afetos. O verde é teoricamente relacionado à capacidade de entrar em contato com o outro e de se colocar no lugar do outro, enquanto o cinza, quando elevado, está associado à carência afetiva ou oposicionismo. Entretanto, a maior incidência do cinza nas escolas públicas perde força em seu significado, devido a sua baixa intensidade enquanto escolha cromática. A síndrome dinamismo foi mais frequente em adolescentes das escolas públicas, aspecto ligado a pessoas dinâmicas e realizadoras.

A execução das pirâmides também apresentou diferenças estatisticamente significativas em função da procedência escolar dos adolescentes, sendo a execução metódica mais presente na escola particular, enquanto na escola pública houve maior presença de execuções ordenadas. Assim, os sinais sugerem maior sistematização lógica nos adolescentes de escolas particulares, porém maior flexibilidade racional nos adolescentes de escolas públicas. Por fim, ao analisar a fórmula cromática foi marcante a presença da classificação ampla nas escolas públicas, quando comparadas às particulares, que por sua vez, tiveram maior frequência de fórmulas cromáticas moderadas, sugerindo maior contenção e inibição.

Focalizou-se, então, o terceiro objetivo específico desse estudo, que é o exame de possíveis diferenças significativas ao se comparar resultados atuais em relação à norma para

adolescentes de 1978 (F. Villemor-Amaral, 1978). Os dados encontrados nessa amostra foram comparados aos de adolescentes da década de 1970, verificando-se diferenças estatisticamente significativas em diversas variáveis do Pfister. Iniciando pela frequência de cores, houve diferença significativa nas cores verde, violeta, laranja, amarelo, marrom, preto, branco e cinza, permanecendo estáveis apenas o azul e o vermelho. A amostra atual apresentou significativa maior frequência no violeta, preto e branco, o que pode ser sugestivo de que os adolescentes, dos dias de hoje, vivenciam maior ansiedade, introversão, repressão e inibição das motivações, caracterizando reações emocionais necessárias para o convívio no meio social contemporâneo, de acordo com F. Villemor-Amaral (1978). Embora não se deva levar em conta esses dados como patológicos, visto que advêm de uma amostra normativa, ou seja, sem problemas psicológicos ou atrasos no desenvolvimento, as frequências reduzidas de verde, laranja, amarelo e marrom, na presente amostra, atribuem a esses adolescentes indicadores de menor habilidade para exprimir seus impulsos de forma socializada e adaptada, sugerindo subestimação de si mesmo, repressão e negação dos afetos e instabilidade interna, que podem estar relacionadas à necessidade de tomadas de decisão e a pressões vividas nessa fase da vida. Paladino (2005) observou tendência ao isolamento em adolescentes como forma de proteção a conflitos afetivos, interpretando esse achado como mecanismo defensivo diante de sofrimento psíquico iminente. Essa hipótese de Paladino (2005) também pode ser associada aos sinais de introversão, repressão e inibição identificados no presente estudo, sendo estatisticamente menos frequentes nos adolescentes de 1978.

Também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos conjuntos de cores das síndromes cromáticas, ao se comparar a amostra de 1978 com a amostra atual de adolescentes. A síndrome estímulo aparece rebaixada no grupo atual e, por sua vez, a síndrome incolor aparece aumentada. Como exposto anteriormente, a interpretação desses dados sugere que os adolescentes da atualidade tendem a apresentar mais sinais de inibição, reprimindo as manifestações afetivas, com uma personalidade mais constricta que, de acordo com Paladino (2005), tenderia a retratar padrão globalizante da atualidade. Vale enfatizar nesse momento que isso não significa que o adolescente estudado não seja capaz de se relacionar socialmente, muito pelo contrário, já que apresentou altos valores da cor verde e vermelho e a síndrome normal e estímulo foram as mais elevadas. Apenas busca-se refletir que fatores e elementos culturais tornaram-se presentes, com o passar do tempo, associando-se a modos específicos de vivenciar afetos.

Por último, os resultados obtidos no presente estudo foram comparados aos padrões normativos para adultos não-pacientes de A. E. Villemor-Amaral (2005, 2012). Várias

diferenças estatisticamente significativas foram identificadas entre as amostras, nas comparações feitas em relação às frequências cromáticas (seis cores com diferença estatística), assim como nas síndromes cromáticas (quatro síndromes). No tocante às cores, o vermelho, o violeta e preto apareceram com significativa maior frequência nos adolescentes. Esse perfil de escolhas cromáticas pode apontar que o processo da adolescência é influenciado por inúmeras transformações e situações conflituosas, como argumentou Marty (2006). Essas passagens e etapas do ciclo vital sempre trazem o novo como algo que envolve dúvidas, momentos de incerteza, ansiedade e irritabilidade. Marty (2006) descreve como crítico e conturbado os processos vivenciados pelos adolescentes, visto que enfrentam transformação psíquica e corporal, muitas vezes não reconhecendo seu novo corpo e sua nova condição de independência e maior autonomia em relação aos pais, gerando muitas dúvidas e conflitos.

No que se refere às síndromes cromáticas, as diferenças significativas entre adultos e adolescentes ocorreram nas síndromes normal, estímulo, incolor e dinamismo, ficando de fora apenas a síndrome fria. Os adolescentes pareceram estar mais inibidos e reprimidos afetivamente do que os adultos, mostrando tendência a dificuldade de elaboração das emoções. Segundo Levisky (1998), o desenvolvimento cognitivo do adulto encontra-se num momento evolutivo de maior organização lógica, que também influencia a organização e elaboração das emoções, favorecendo o resultado dos adultos nesse aspecto.

Como objetivo complementar aos propostos previamente, o estudo de precisão dos aspectos formais na técnica de Pfister obteve bons índices de precisão ao utilizar o método de codificação por meio de dois avaliadores independentes e às cegas, como feito em outros estudos (A. E. Villemor-Amaral, 2005). Chegou-se ao índice de 82,9% de acordo entre avaliadores, sendo considerado um índice satisfatório de precisão quando se fala em métodos projetivos, qualificando-o como bom indicador psicométrico.

Procurou-se ainda explorar a associação entre nível intelectual (expresso pelo resultado geral na forma C do INV) e a forma das pirâmides construídas pelos adolescentes do atual estudo. Identificou-se correlação baixa, porém positiva e estatisticamente significativa, entre esses indicadores técnicos dos dois tipos de testes psicológicos, comprovando a hipótese do Pfister informar a respeito do funcionamento cognitivo dos indivíduos. Esse achado, por si, merecerá explorações e análises mais detalhadas com outros grupos, visto aqui ter sido efetuado, nesse momento, com subamostra do grupo total, por se tratar apenas de uma análise preliminar, porém que se mostrou profícua.

Como resultado do conjunto das análises comparativas dos dados atuais do Pfister com a norma para adolescentes de 1978 e com a norma de adultos de 2005, pode-se apontar grande

número de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. Conclui-se, então, que os resultados do presente estudo evidenciam, empiricamente, a necessidade de normas específicas do Pfister para adolescentes, de modo a embasar adequado processo avaliativo dessa faixa etária por meio desse método projetivo de avaliação psicológica.

Diante do exposto até o momento, pode-se afirmar que o presente trabalho alcançou seus objetivos, possibilitando aos psicólogos do Brasil o uso de parâmetros técnicos atualizados sobre o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister, referências que incentivam e motivam o adequado manejo dos instrumentos nos processos de avaliação psicológica, com adolescentes de 12 a 14 anos. Possibilitou o atendimento às diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2010 e 2011) no que se refere à constante investigação de evidências psicométricas nacionais sobre os testes psicológicos. Evidentemente, deve-se manter o contínuo aprimoramento dessa linha de trabalho com amostras numericamente mais robustas, ou inclusive com amostras pequenas, para estudos de caráter qualitativo. Dever-se-ia investigar, inclusive, diferentes regiões representativas da diversidade populacional do Brasil, bem como contemplar a amplitude etária da adolescência, não delimitada apenas na faixa de 12 a 14 anos como aqui delineado para viabilidade do estudo, aspectos que se constituem em limites inerentes ao presente trabalho e que poderão ser superados em novas investigações científicas, estimuladas a partir dos atuais achados.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados encontrados do Teste de Pfister demonstraram que um estudo normativo com adolescentes fazia-se necessário, a fim de aprimorar o uso dos testes psicológicos no Brasil. O Teste de Pfister, retratado por muitos pesquisadores e profissionais de Psicologia, como sendo de fácil utilização e bem aceito pelos avaliados, considerado rico em informações que pode fornecer a respeito dos indivíduos, merecia que fossem atualizadas suas normas, garantindo a qualidade e segurança na interpretação de dados colhidos com adolescentes de 12 a 14 anos, atendendo às diretrizes determinadas pelo CFP (2003), com a Resolução 002/2003.

Ao se realizar análises estatísticas comparativas das normas atuais com os dados de adolescentes de 1978 e de adultos de 2005, pode-se examinar, com clareza, quantas diferenças significativas existiam em seus resultados. Além disso, a análise detalhada da associação entre origem escolar e os resultados das frequências de cores, das síndromes cromáticas, do aspecto formal e da fórmula cromática do Pfister, demonstram a importância de se elaborar referenciais normativos que levem em consideração essa variável sociodemográfica. As variáveis sexo e idade, entretanto, não pareceram exercer associação estatisticamente significativa nos indicadores técnicos do Pfister dos adolescentes avaliados, de modo a não se fazer necessário elaborar tabelas normativas específicas em função da faixa etária e do sexo.

Apesar da riqueza dos atuais resultados, fica também clara a relevância de novas investigações científicas com o Teste de Pfister, a partir de outros delineamentos metodológicos e que busquem explorar explicações (e não apenas associações entre variáveis, como aqui realizado) para especificidades produtivas dos adolescentes nesse método projetivo de avaliação psicológica. Exemplo desse tipo de pesquisa seria voltado ao tema de como mudanças socioculturais ocorridas com a passagem do tempo podem ocasionar ou se mostrar associadas ao funcionamento afetivo e cognitivo dos indivíduos, sobretudo no momento de construção da personalidade, como nos adolescentes.

Destaca-se aqui que o estudo em questão, apesar de realizado no interior de São Paulo, teve amostra quantitativamente suficiente para seus objetivos, com a participação de 180 voluntários, podendo-se generalizar seus achados para outros contextos e situações com características semelhantes. Entretanto, faz-se necessário, a fim de abranger características de indivíduos de todo Brasil e garantir o adequado uso do instrumento em âmbito nacional, que o mesmo tipo de pesquisa seja replicado em diferentes regiões do Brasil, que apresentam

realidades diversas, devido ao caráter continental de nosso país. Também seria de grande valia a ampliação da faixa etária adolescente estudada, visto que aqui foram estudados indivíduos de 12 a 14 anos, apenas por uma questão pragmática e de viabilidade técnica do estudo. Contudo, outras faixas etárias precisam ser investigadas para compreensão de suas características de desenvolvimento em termos afetivos e lógicos.

Depreende-se, então, que apesar do presente estudo ter atingido com plenitude seus objetivos iniciais, procurou estimular novas possibilidades de investigação com o Teste de Pfister, a fim de garantir seu contínuo aprimoramento técnico-científico, bem como dos processos de avaliação psicológica desenvolvidos na realidade nacional.

## 7. REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1983). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury A. & Knobel, M. (1992). *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adib, S. A. (2008). *Evidências de validade do Teste de Pfister para indicadores de sintomas de depressão em adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, Brasil.
- Alves, I. C. B. (2004). Técnicas projetivas: Questões atuais na psicologia. In C. E. Vaz, & R. L., Graeff. (Orgs.) *III Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Rorschach e ou métodos projetivos: Técnicas Projetivas: produtividade em pesquisa* (pp. 361-366). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bandeira, D. R., Trentini, C. M., Winck, G. E. & Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A., Sisto, F. F. (Orgs.). *Facetas do fazer em avaliação psicológica*. (pp. 125-139). São Paulo: Vetor.
- Bastos-Formighieri, M. S. & Pasian, S. R. (2012). O Teste de Pfister em idosos. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 435-448.
- Cardoso, L.M. (2006). *Teste de Pfister e Desenho da Figura Humana em Surdos: Evidências de Validade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Francisco, Itatiba.
- Cardoso, L. M. & Capitão, C. G. (2006). Estudo correlacional entre o Teste de Pfister e o Desenho da Figura Humana. *Psico USF*, 11(2), 157-166.
- Cardoso, L. M. & Capitão, C. G. (2007). Avaliação psicológica de crianças surdas pelo Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. *PsicoUSF* 12(2), 135-144.
- Compas, B. E., Hiden, B. R. & Gerhardt, C. A. (1995). Adolescent development: pathways and processes of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, 46, 265-293.
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). Resolução CFP 02/2003. Brasília: CFP.

- Conselho Federal de Psicologia. (2010). *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2011). *Ano da avaliação psicológica – textos geradores*. Brasília: CFP.
- Cunha, J. A. (2000). *Psicodiagnóstico-V*. Porto Alegre: Artmed.
- Farah, F. H. Z. (2010). *Evidências de validade e precisão no Teste de Pfister para crianças de 6 a 10 anos*. Tese de Doutorado, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, Brasil.
- Faria, M. A. (2008). O Teste de Pfister e o transtorno dissociativo de identidade. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 359-370.
- Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Franco, R. R. C. & Villemor-Amaral, A. E. (2012). Validade Incremental do Zulliger e do Pfister no contexto da drogadicção. *Psico-USF*, 17(1), 73-83.
- Garb, H. N., Wood, J. N., Lilienfeld, S. O. & Nezworski, M. T. (2002). Effective use of projective techniques in clinical practice: Let the data help with selection and interpretation. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33 (5), 454-463.
- International Test Commission (ITC) (2000). *International Guidelines for Test Use*. Recuperado em 9 de maio de 2010, de [www.intestcom.org/itc\\_projects.htm](http://www.intestcom.org/itc_projects.htm)
- Kristensen, C. H., Leon, J. S., D’Incao, D. B. & Dell’Aglío, D. D. (2005). Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes. *Interação em Psicologia*, 8 (1), 45-55.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lilienfeld, S. O., Wood, J. M. & Garb, H. N. (2000). The Scientific Status of Projective Techniques. *Psychological Science in the public interest*, 1 (2), 26-66.
- Lopes, W. M. G. (2009). *Teste de inteligência não-verbal (INV) de Pierre Weil: parâmetros psicométricos*. Tese de Doutorado, Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo, Brasil.

- Machado, C. E., Zilberstein, B., Ceconello, I. & Monteiro, M. (2008). Compulsão alimentar antes e após a cirurgia bariátrica. *Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva*, 21(4), 185-191.
- Noronha, A. P. P., Primi, R., & Alchieri, J. C. (2005). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 390-401.
- Oliveira, É. A., Pasian, S. R. & Jacquemin, A. (2001). A vivência afetiva em idosos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(1), 68-83.
- Paladino, E. (2005). *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, L. M., & Cardoso, L. M. (2012). Revisão de pesquisas brasileiras sobre o Teste de Pfister. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 449-460.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Villemor-Amaral, A. E. (2005). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Villemor-Amaral, A. E. (2012). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Villemor-Amaral, A. E., Biasi, F. C., Pavan, P. M. P., Migorance, P. B. & Tavela, R. R. (2012). Desempenho cognitivo no Teste Pfister de Crianças de Escolas Públicas. In *VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (p. 217-218). Brasília, DF.
- Villemor-Amaral, A. E., Farah, F. H. Z. & Primi R. (2004). O teste das pirâmides coloridas e o transtorno do pânico. *Psicologia em Estudo*, 9(2), 301-307.
- Villemor-Amaral, A. E. & Franco, R.R.C. (2008). Novas contribuições para o Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister. In Villemor-Amaral, A.E. & Werlang, B.G. (Org.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. (1a ed.). (pp. 415-423). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Villemor-Amaral, A. E., Pardini, P. M., Tavella, R. R., Biasi, F. C., & Migoranci, P. B. (2012). Evidências de validade do teste de Pfister para avaliação de crianças. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 423-434.

- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *PsicoUSF*, 11 (2), 185-193.
- Villemor-Amaral, A. E., Pianowski, G. & Gonçalves, C. M. T. de S. (2008). Estudo normativo com o Pfister: uma amostra da região nordeste brasileira. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 181-188.
- Villemor-Amaral, A. E., Primi, R., Farah, F. H. Z., Cardoso, L. M., & Franco, R. C. (2003). Revisão das expectativas no Pfister para uma amostra normativa. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 185-188.
- Villemor-Amaral, A. E., Primi, R., Farah, F. H. Z., Silva, S. M., Cardoso, L. M. & Franco, R. C. (2004). A depressão no teste das pirâmides coloridas de Pfister. *Paidéia*, 14(28), 169-176.
- Villemor-Amaral, A. E., Primi, R., Franco, R. da R. C., Farah, F. H. Z., Cardoso, L. M. & Silva, T. C. (2005). O Teste de Pfister e sua contribuição para diagnóstico da esquizofrenia. *Revista do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense*, 17(2), 89-98.
- Villemor-Amaral, A. E., Silva, T. C., Primi, R. (2002). O Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister e o transtorno obsessivo compulsivo. *Avaliação Psicológica*, 1(2), 133-139.
- Villemor-Amaral, A. E., Silva, T. C., Primi, R. (2003). Indicadores de alcoolismo no Teste das Pirâmides Coloridas de Max Pfister. *Psico-USF*, 8(1):33-38.
- Villemor-Amaral, F. (1978) *Pirâmides Coloridas de Pfister*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Weil, P. & Nick, E. (1971). *O potencial da inteligência do brasileiro*. Rio de Janeiro: CEPA.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A1 - Carta de apresentação do projeto às Instituições de Ensino.



**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto**  
Departamento de Psicologia  
Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

#### CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Ribeirão Preto (SP) com objetivo de conhecer características de personalidade de adolescentes de doze a quatorze anos, por meio de um processo de avaliação psicológica. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Joana Brasileiro Barroso, aluna de Mestrado em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), e da Profa. Dra. Sonia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia desta mesma faculdade.

Essa pesquisa estudará cerca de 180 adolescentes de escolas públicas e particulares de ensino fundamental desta cidade. Esta escola foi identificada como uma possível participante e, sendo assim, gostaríamos de contar com sua colaboração, autorizando nossa inserção no estabelecimento educacional sob sua responsabilidade.

Nossa atuação na escola dar-se-á da seguinte forma: a pesquisadora visitará as salas dos alunos na escola, explicará o projeto em linhas gerais e fornecerá, para cada aluno, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e um Questionário sobre histórico de vida, que contém algumas questões sobre o desenvolvimento do adolescente. Esses documentos deverão ser entregues aos pais ou responsáveis dos possíveis participantes e, posteriormente, devolvidos à pesquisadora.

Em seguida, a pesquisadora agendará, sob anuência da coordenação da escola, um horário em que o adolescente possa se ausentar de suas aulas para participar da avaliação psicológica. Nesse contato, que durará cerca de 30 a 40 minutos, a pesquisadora fará uma breve conversa com cada participante e iniciará o processo de aplicação das técnicas de avaliação psicológica propriamente ditas. Não existe nenhum risco significativo em participar deste estudo. Todas as informações ministradas são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica, sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram.

A cooperação de seu estabelecimento será muito valiosa e imprescindível para que os objetivos desse estudo sejam alcançados. Este trabalho será uma contribuição voluntária e nenhum participante receberá pagamento por colaborar nesta pesquisa.

Colaborar com essa pesquisa representa contribuir para um melhor conhecimento das condições psicológicas dos adolescentes dessa região e isso poderá auxiliar em planejamentos de eventuais serviços clínicos a esta população.

Desde já, agradecemos a atenção dispensada.

Atenciosamente,

**JOANA BRASILEIRO BARROSO**

**Prof. Dra. SONIA REGINA PASIAN**

Departamento de Psicologia – FFCLRP – USP

Av. Bandeirantes, 3900 – Monte Alegre

Fone: (16) 3602-3785

Fax: (16) 3602-4835

E-mail: srpasian@ffclrp.usp.br

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR  
PARA A PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, na função de \_\_\_\_\_ da Escola \_\_\_\_\_, declaro estar de acordo com a realização do projeto de pesquisa anteriormente referido, aceitando que seja utilizado o banco de dados desta Instituição a fim de buscar as informações necessárias à identificação de eventuais alunos voluntários para a mesma. Autorizo também que a psicóloga responsável pelo projeto entre em contato com esses estudantes, em sala de aula, para lhes propor o trabalho e, aos que consentirem, realizar a pesquisa em sala (individualmente).

Diante do exposto, assino o presente termo, enquanto representante da Instituição, declarando o consentimento livre e esclarecido para esta pesquisa.

---

*Assinatura e carimbo do Representante Institucional*



**APÊNDICE B1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**

**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto**  
 Departamento de Psicologia  
 Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Estamos desenvolvendo uma pesquisa em Ribeirão Preto que pretende conhecer características do desenvolvimento emocional de adolescentes de doze a quatorze anos idade. Este trabalho será desenvolvido sob responsabilidade da psicóloga Joana Brasileiro Barroso, aluna de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP) e da Dra. Sonia Regina Pasian, professora do Departamento de Psicologia desta mesma faculdade.

Essa pesquisa estudará cerca de 180 adolescentes de escolas públicas e particulares do ensino fundamental de Ribeirão Preto. Cada adolescente passará por avaliação psicológica na própria escola, sendo convidado a responder a exercícios de raciocínio (em papel) e a trabalhar com papéis coloridos (quadrículos), não implicando em riscos ou prejuízos em seu trabalho escolar. Esta atividade será conduzida por Joana, em sala específica da própria escola. Aos pais será solicitado que preencham um questionário sobre o histórico de vida de seu filho, caso autorize sua participação nesta pesquisa. Caso o adolescente decida desistir de participar da pesquisa, poderá fazê-lo em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou ônus.

Todas as informações desta pesquisa são confidenciais e somente serão utilizadas para investigação científica. Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados sob o formato de comunicações científicas orais e escritas sem nenhuma identificação das pessoas que as forneceram.

A sua cooperação e a de seu (sua) filho(a) será muito valiosa e necessária para tornar possível esta pesquisa. Não será oferecido aos participantes desta pesquisa nenhum pagamento por sua colaboração neste trabalho. Colaborar com essa pesquisa poderá ajudar a conhecer as características afetivas dos adolescentes de Ribeirão Preto e isso poderá auxiliar em planejamentos futuros para serviços clínicos para esta população.

Desde já, agradecemos sua colaboração e estaremos disponíveis para outras informações, caso necessário. Atenciosamente,

**Joana Brasileiro Barroso**

**Profa. Dra. Sonia Regina Pasian**

Eu, \_\_\_\_\_  
 declaro que estou de acordo com a participação de meu (minha) filho (a) \_\_\_\_\_, como voluntário no projeto de pesquisa "O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER: ESTUDO NORMATIVO COM ADOLESCENTES", sob responsabilidade da psicóloga Joana Brasileiro Barroso e da Profa. Dra. Sonia Regina Pasian, assim como estou ciente de que os registros relativos a esse trabalho serão utilizados como material de trabalho científico e poderão ser divulgados em congressos e publicados em revistas ou livros especializados, resguardando-se o devido sigilo quanto à nossa identificação.

Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura do pai ou responsável)

\_\_\_\_\_  
 (Assinatura do participante)

**Observação:** Se tiver qualquer dúvida, entre em contato com o Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP e esclareça-se conosco pelo telefone: (16) 3602.3785.

**APÊNDICE C1 - Questionário Informativo Sobre Histórico Pessoal.**

**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto**  
 Departamento de Psicologia  
 Centro de Pesquisas em Psicodiagnóstico (CPP)

**FORMULÁRIO PARA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**
**PREZADOS PAIS:**

- Respondam às questões abaixo da forma mais completa que lhes for possível no momento.
- Reafirmamos nosso objetivo de, com esse levantamento, conhecer as características dos estudantes participantes dessa pesquisa. Também reafirmamos nosso compromisso de completo sigilo das informações e dos participantes.
- Favor devolver esse questionário juntamente com uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a pesquisa.
- Novamente, agradecemos sua valiosa colaboração!

1. Nome do estudante: \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
4. Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
5. Ano Escolar: \_\_\_\_\_
6. Com quantos anos entrou na escola? \_\_\_\_\_
7. Já repetiu de ano?  
 ( ) Não.  
 ( ) Sim. Quantas vezes? \_\_\_\_\_ Qual(is) ano(s) ? \_\_\_\_\_
8. Número de irmãos: \_\_\_\_\_
9. Posição do estudante entre os irmãos (único ou primeiro, segundo, terceiro, etc.). \_\_\_\_\_
10. Já apresentou graves problemas de saúde?  
 ( ) Não.  
 ( ) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_  
 Com que idade? \_\_\_\_\_
11. Mais especificamente: já apresentou problemas psicológicos ou neurológicos?  
 ( ) Não.  
 ( ) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_  
 Com que idade? \_\_\_\_\_
12. Fez ou faz uso de medicamento por causa desse problema?  
 ( ) Não.  
 ( ) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_  
 Quando? \_\_\_\_\_ Por quanto tempo? \_\_\_\_\_
13. Já fez ou faz algum tratamento com psicólogo ou psiquiatra?  
 ( ) Não.  
 ( ) Sim. Qual(is)? \_\_\_\_\_  
 Com que idade? \_\_\_\_\_
14. Estado civil dos pais: ( ) solteiro(a) ( ) casado ( ) viúvo(a)  
 ( ) separado ou divorciado ( ) amasiado
15. Pessoas que moram na casa do estudante:

Nome	Parentesco	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda

16. Observações que julga importantes sobre seu(sua) filho(a): (USE O VERSO, SE PRECISAR).

---



---

**APÊNDICE D1 - Análise da Precisão dos Aspectos Formais do Teste de Pfister dos  
adolescentes avaliados (n=180).**

Classificação do Aspecto Formal das Pirâmides *									Acordo Total
I			II			III			
Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	
TF	TF	s	FS	FS	s	TID	TID	s	82,9%
TID	FCMU	n	TF	TF	s	TID	TID	s	
TF	TF	s	TID	TID	s	TF	TF	s	
FCMU	FCMU	s	FS	FS	s	FCMU	FCMU	s	
FA	FCMO	n	EE	TF	n	TF	TF	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
FA	FA	s	FCMU	FCMU	s	EM	EM	s	
FCMU	FCMU	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
TID	TID	s	FS	FS	s	FS	FCMU	n	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
FS	EM	n	FS	FS	s	FS	FS	s	
TP	TP	s	TP	TP	s	TF	TF	s	
FS	TF	n	FS	TID	n	TF	TF	s	
FA	FA	s	FA	FCMU	n	FA	FA	s	
EE	FA	n	FCMU	FCMU	s	TD	EM	n	
TF	TF	s	FCMU	FS	n	EM	EM	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
EM	EM	s	FCMU	FCMU	s	FA	FA	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
FS	FS	s	FS	FS	s	FCMU	FCMU	s	
EE	EE	s	FCMO	FCMO	s	FA	FA	s	
EM	EM	s	FCMU	FCMU	s	EE	EE	s	
ES	TID	n	FCMU	FS	n	FA	ES	n	
TID	TID	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
EAD	EAD	s	ES	FCMO	n	FCMU	FCMU	s	
ES	ES	s	FCMU	FCMU	s	ES	ES	s	
TID	TID	s	TF	FCMU	n	EE	EE	s	
FS	FS	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
FA	FA	s	ES	ES	s	FS	FS	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
EE	FCMO	n	FCMU	FCMU	s	TID	TID	s	
TF	TF	s	FCMO	FCMO	s	FS	FS	s	
FA	FA	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
FCMU	FCMU	s	ES	ES	s	FCMO	FCMO	s	
TP	TP	s	TP	TP	s	TF	TF	s	
TID	TID	s	ES	ES	s	EM	EM	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TID	TID	s	
FS	TID	n	TF	TF	s	TF	TF	s	

Classificação do Aspecto Formal das Pirâmides *									Acordo Total
I			II			III			
Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	
EM	FS	n	ES	FS	n	FCMU	FCMU	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	EM	EM	s	
ES	ES	s	FCMU	FS	n	ES	ES	s	
EM	EM	s	EMO	FS	n	FA	FA	s	
FS	FS	s	FCMO	FCMO	s	FA	FCMU	n	
TID	TID	s	TID	TID	s	TID	TID	s	
EE	EE	s	EAD	FCMU	n	FCMU	FCMU	s	
FS	FS	s	TF	TF	s	ES	FA	n	
FCMU	FCMU	s	EM	EM	s	EE	FCMO	n	
TF	TF	s	EE	EE	s	EE	EE	s	
FCMU	FS	n	FS	FS	s	FCMU	FS	n	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
EMO	ES	n	FCMO	FCMO	s	EM	EM	s	
TID	TID	s	TID	TID	s	TF	TF	s	
TP	TP	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
FS	FS	s	FCMU	FCMU	s	FS	FS	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
TF	TF	s	TID	TID	s	TF	TF	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
FA	FCMO	n	EM	EM	s	EMF	EM	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	EM	EM	s	
EM	EM	s	FCMO	FCMO	s	FCMO	FCMU	n	
FCMU	FCMU	s	ES	ES	s	EM	EM	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FS	FS	s	
FCMU	FCMU	s	EMO	FS	n	ES	ES	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
EE	EE	s	FS	FS	s	TID	EAD	n	
FCMU	FCMU	s	FCMO	FCMO	s	FCMO	FCMO	s	
TID	TID	s	TF	TID	n	TID	TID	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
FA	FA	s	FCMU	FCMU	s	FA	FS	n	
FA	FCMU	n	EM	EM	s	FCMU	FCMU	s	
FS	FS	s	EM	EM	s	FS	FS	s	
EM	FS	n	EMO	FS	n	EM	EMO	n	
EM	EM	s	FS	FS	s	TF	TF	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	EE	TID	n	
FS	FS	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FS	FS	s	
FCMU	FCMU	s	FCMT	FCMT	s	FCMU	FCMU	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	

Classificação do Aspecto Formal das Pirâmides *									Acordo Total
I			II			III			
Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	Avaliador 1	Avaliador 2	Acordo**	
EE	EM	n	FA	FCMO	n	FCMU	FCMU	s	
EM	EM	s	FCMU	FCMU	s	FCMO	FCMO	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	
TF	TF	s	TF	TF	s	TID	TID	s	
FCMU	FCMU	s	FCMU	FCMU	s	EM	EM	s	
TID	TID	s	TID	FA	n	FA	FCMU	n	
TF	TF	s	TF	TF	s	TF	TF	s	
TID	TID	s	FCMU	FCMU	s	TID	TID	s	
FS	FS	s	FA	FA	s	FCMU	EMO	n	
75 s		<b>83,3%</b>	75 s		<b>83,3%</b>	74 s		<b>82,0%</b>	

\*Aspectos formais das pirâmides:

TF=Tapete Furado

TP=Tapete Puro

TIO=Tapete com Início de Ordem

FCMU=Formação Multicromática

FCMO=Formação Monocromática

FCMT=Formação Monotonal

FS=Formação Simétrica

FA=Formação Alternada

ES=Estrutura Simétrica

EE=Estrutura em Escada

EM=Estrutura em Manto

EAD=Estrutura Assimétrica Dinâmica

EMO=Estrutura em Mosaico

\*\*s= sim (acordo); n = não (desacordo)



## ANEXOS

### ANEXO 1 - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

---

Of.CEtP/FFCLRP-USP/019/-jsl

Ribeirão Preto, 29 de março de 2011.

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "O TESTE DAS PIRÂMIDES COLORIDAS DE PFISTER: ESTUDO NORMATIVO COM ADOLESCENTES" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 545/2010 - 2010.1.2249.59.8.

Atenciosamente,

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE  
Coordenadora

Ilustríssima Senhora  
**Joana Brasileiro Barroso**  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

Com cópia para a orientadora:  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Regina Pasian**  
Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP